



Órgão Oficial
do Centro Acadêmico
«Oswaldo Cruz»
Faculdade de Medicina
da Universidade
de São Paulo

Ano XXV

Diretores:
JOSÉ KNOPLICH e NELSON FAUSTO

Casa de Arnaldo, Janeiro de 1958

Administração:
Rua 7 de Abril, 264 - 6.º and. - Sala 603
Tel. 35-4672 - Cx. Post. 4672 - S. PAULO

N.º 86

O DISCURSO DO PROF. DÉCOURT

“Tendes à vossa frente um longo caminho e não podemos esperar que êle seja muito fácil”

De forma condenada, o «O Bisturi» passa a transcrever o discurso do paraninfo da turma de médicos de 1957, Prof. Dr. Luís Venère Decourt.

Logo de início recordou o Prof. Decourt a sua própria formatura e a da primeira turma, por êle paraninfada, em 1951.

«Esta hora solene tantas vezes depretada, guarda todos os anos a pureza, como a das que se cumprem pela primeira vez. Salientou «a terrível seriedade da época que se inicia, irmã siamesa da emoção e alegria que muito justamente experimentais», ela ainda permanecerá em nossos espíritos, quando êstes últimos sentimentos forem apenas recordações.

Continuando, lembrou aos seus afilhados os deveres do médico, o que foi aliás o caráter principal da sua alocução. «Em primeiro lugar, honestidade: «Trabalhareis entre seres que se entregam e confiam, que anulam suas resistências e silenciam seus pudores, porque acreditam na vossa integridade e tudo esperam na multidão de vossas habilidades», citou Hipócrates, «é mister que as mãos se mantenham puras e a consciência imaculada».

«A caridade é a própria sombra do ato médico, e portanto, inseparável desta atividade».

A caridade, no dizer do Prof. Decourt é o segundo grande dever do médico: «Realizareis, portanto, a vossa medicina com caridade e não por caridade».

Afirmou da necessidade, principalmente agora em nossa época, em que a técnica e o laboratório tomam tanta importância na clínica médica, de dar amparo moral ao doente: «Procurai elevar a mente que sossobra. Não calculais o efeito benéfico de uma palavra serena, na tormenta de um espírito agitado pela doença. Há ocasiões — e vereis muitas — em que mais vale o que o médico diz

do que aquilo que o médico faz. Nelas, compreendereis tôda a força da palavra, quando empregada no momento oportuno».

Frisou depois o paraninfo, a absoluta necessidade de revisões da cultura científica do médico. «Perante a extraordinária e constante evolução dos conhecimentos médicos — que renova todos os dias os atrativos de nossas atividades — será inadmissível o profissional estático, quase marginal, apenas mantendo o que adquiriu na Faculdade ou aquilo que lhe chega às mãos (para não dizer aos cérebros), através das bulas dos medicamentos».

«Por isso, vos aconselho uma auto-análise periódica, e diante dela, se necessário assumi novos rumos e procurai novos ensinamentos».

Os problemas sanitários do país, disse o Prof. Decourt, devem sempre estar em mente dos médicos. Comentou a extinção da malária em nosso Estado pelo eficiente Serviço de Profilaxia da Malária e os resultados animadores obtidos agora no combate ao barbeiro, que existe em perto de 40% dos municípios paulistas. Frisou a respeito: «Já acentuei, aliás, em uma ocasião como esta, o grande papel dos médicos do Interior no reerguimento geral de nossas populações rurais que, analfabetas, supersticiosas, introvertidas, vivem conformadas o seu baixo nível de civilização. Muito podereis fazer por elas, se para tanto empregardes o cérebro e o coração».

Continuando o seu discurso, o Prof. Decourt, analisou a atual situação de grande parte do corpo médico do Brasil: a da socialização de seus serviços específicos em pleno regime capitalista. Teve ocasião de dizer que tal situação gera muitas vezes insatisfação e insegurança, desilusões e decepções que esmagam o entusiasmo inicial e dificultam o estímulo ao aperfeiçoamento.

(Continúa na pág. 5)



«Isto não é o fim e nem mesmo o princípio do fim. É apenas o fim do princípio»

Para você, Doutor de 1957 hoje não será um dia de alegria. Será, isto sim, um dia de tristeza pois começarão a desaparecer as lembranças de uma vida diferente, árdua é certo, mas despreocupada, que nunca mais se repetirá. Lembranças boas e más hoje misturam-se tôdas, envolvidas pela mesma saudade, que não é de um fato disperso, dêste ou daquele acontecimento, mas sim de tudo aquilo que você viveu durante seis anos. As coisas boas desta Escola hoje lhe parecerão melhores do que realmente são e as coisas difíceis lhe parecerão agradáveis por que têm o sabor das coisas superadas, que não mais se repetirão. O vestibular já longínquo, as alegrias do primeiro dia de aula, a impressão terrível do laboratório de Anatomia com o qual você se familiarizou logo depois, a entrada no hospital com o esteto no pescoço, o internato, tudo isto vai se transformando lentamente de presente em passado, um passado que não se apagará facilmente. Você, hoje se despede do contacto diário do Albino e sua linguagem, das brincadeiras com o velho Lucas e o Jabu, das alegrias e tristeza da Mac-Med, do Show, das famosas assembleias do CAOC, enfim você será de hoje em diante um estranho frente a uma série de lugares e acontecimentos com os quais você se familiarizou. Até o porão sujo e escuro de todos os dias não mais lhe parecerá acolhedor, não por culpa dele que permanecerá sempre igual ainda para muitas gerações, mas sim por sua causa, pois você hoje se transforma num médico. Não mais existe a palavra estudante para desculpa: o fantasma da «vida prática», que todos procuramos tornar longínqua está a um passo de você. Alguns a enfrentarão com a cabeça erguida, com a consciência tranqüilla do dever cumprido; porém deve haver hoje quem faça um balanço do tempo perdido, das oportunidades oferecidas e desperdiçadas. Tarde demais, pois agora já deveriam estar formadas as bases e plasmada a consciência para tôda uma existência futura, que a qualquer instante será o reflexo aqui dos anos passados aqui. Mas ainda hoje, você terá alguma coisa para aprender: o Juramento de Hipócrates. Lembra-se dêle, pois muitos antes de você também juraram mas logo o esqueceram, misturando-o com as coisas simbólicas de uma festa de formatura. Estes também juraram mas estão longe, muito longe da verdadeira Medicina, e não merecem mais o diploma, que num dia como hoje receberam. Que com o adeus sincero daqueles que por aqui ficam, se junte a esperança e a certeza de uma profissão exercida com consciência e dignidade.

Relatório da Diretoria de 1957

Após um ano de trabalhos intensos, mais uma Diretoria despede-se do C. A. O. C. Eis aqui o relatório daquilo que foi feito: — 1 — **Recepção dos Calouros:** — Houve este ano uma comissão que organizou a recepção aos calouros, promovendo visitas à Faculdade e ao H. C., sendo que a aula inaugural foi realizada por ocasião da posse solene da Diretoria do Centro. Essa comissão editou um jornal, distribuído entre os calouros e que continha informes úteis sobre a vida universitária.

2 — **Campanha da Saúde** — Durante o mês de Abril realizou-se, sob o patrocínio do CAOC, a Campanha da Saúde, que consistia na venda de água mineral em barrquinhas instaladas na cidade, com a participação ativa dos estudantes e colaboração valiosa da União dos Escoteiros do Brasil. Essa campanha que foi de árdua organização, não rendeu muito; entretanto, como movimento universitário e como veículos de propaganda das iniciativas acadêmicas excedeu das expectativas.

3 — **Passatempo:** — Em Maio foi realizada uma Passatempo em benefício da Campanha de Assistência às Crianças Defeituosas. Foi o apoio moral e material do estudante de Medicina em prol de tão nobre causa. A passatempo restituiu-se de sucesso tendo sido arrecadados Cr\$ 36.000,00 aproximadamente.

4 — **Socorro às Obras Sociais** — Após intensos e exaustivos preparativos foi lançada a Campanha de Socorro às Obras Sociais no dia 23 de Novembro p. p., na qual o Centro visa arrecadar junto aos médicos e Laboratórios Cr\$ 20.000.000,00, que seriam destinados à construção da Casa do Estudante, manutenção do Departamento Beneficente "Arnaldo Vieira de Carvalho" e Reforma do Estádio "Oswaldo Cruz". A Campanha prossegue ainda hoje, já tendo o Centro arrecadado cerca de Cr\$ 700.000,00.

5 — **Bar** — Foi comprado e instalou-se um novo fogão, bem como o aquecimento central coisas indispensáveis para o funcionamento de um Restaurante. Foi feito e assinado o contrato com o concessionário do Bar, Sr. Orlando Mascaro. Recebemos do Ministério da Educação uma verba de Cr\$ 200.000,00, que havia sido solicitada no fim da gestão passada, com

a finalidade de reduzir o preço das refeições dos estudantes; assim, já há alguns meses, vêm sendo fornecidas refeições mais baratas.

6 — **Ligas Assistenciais** — Após vários estudos juntamente com o Prof. Aguiar Pupo, decidiu o Centro, unificar, desdobrar, reformar, e reorganizar suas Ligas Assistenciais. Assim várias modificações foram feitas: o Vice-Presidente do Centro tornou-se o presidente do Departamento de Ligas Assistenciais; foi feito um convenio com o H. C., no sentido de serem cedidos os ambulatórios e material necessário para o funcionamento de todas as ligas, no período da tarde, no Hospital. Foi transferida a Liga de Combate à Sífilis de Santa Casa para o Hospital das Clínicas, suas atividades foram ampliadas, tendo sido transformada em Liga de Combate à Sífilis e de Medicina Preventiva, contando já com um Serviço de Profilaxia às Parasitoses, que está funcionando na Clínica de Moléstias Tropicais e Infecciosas na Cadeira de Parasitologia; Foi criada a Liga de Combate à Leucemia, a Liga de Ambulatórios Populares, etc.. E, para coroar os trabalhos de desenvolvimento das Ligas, foi solicitada ao Senado da República uma verba de Cr\$ 1.000.000,00, sendo no entanto aprovada pelo Senado uma verba de Cr\$ 500.000,00, como uma emenda do orçamento da Nação.

7 — **Centro de Debates** — Promoveu este ano apenas três conferências: sobre a China, sobre a Suécia e sobre o Ensino Médico.

8 — **Curso "Oswaldo Cruz"** — Após ter atravessado um período de crise, foram feitos concursos para todas as Cadeiras, hoje prossegue normalmente sua missão.

9 — **Departamento Feminino** — Tivemos esse ano a grata satisfação de assistir à mudança, reforma e inauguração do DF, estando pois as colegas de parabéns.

10 — **Homenagem** — No dia 27 de Agosto p. p., foi realizado nos salões do Clube Alepo um jantar em homenagem ao Prof. João de Aguiar Pupo, em virtude dos inestimáveis serviços que tem prestado às Ligas Assistenciais, ao Centro Acadêmico e ao Ensino Médico.

11 — **Terrenos** — No dia 11 de Junho p. p., em solenidade no Gabinete do Reitor e com a presença do Representante do sr. Governador do Estado, assinamos a escritura de posse, em regime de comodato, dos terrenos ocupados pelo Estádio "Oswaldo Cruz" e avaliados em Cr\$ 35.000.000,00.

12 — **Ambulância** — No dia 30 de Outubro, adquirimos da Volkswagen do Brasil S. A. uma ambulância que deverá servir ao Banco de Sangue do H. C., no sentido de facilitar a colheita de sangue. Essa ambulância foi dada pelo nobre Deputado Ubirajara Keutnedjan, a quem ficamos profundamente agradecidos.

13 — **Política Universitária** — Participou o CAOC, através de seus representantes, de todos os movimentos universitários nacionais e internacionais: "Greve", em sinal de protesto pelo assassinato de estudantes Cubanos. Estivemos presentes na totalidade dos Conselhos de Presidentes da UEE, bem como das reuniões do DCE. Este ano teve o CAOC a honra de ser o Patrono do Congresso da UEE, cedendo suas instalações para que fosse realizado na FMUSP.

14 — **Gripe Asiática** — Por ocasião da epidemia de Gripe que assolou nosso país nos meados do 2.º semestre, ofereceu o CAOC ao sr. Governador do Estado o préstimo dos acadêmicos no combate a esse mal, sendo que cerca de 120 estudantes participaram ativamente, através de plantões nos mais diversos postos de saúde e também no Hospital de Emergência.

15 — **Filtros** — Foram inaugurados os filtros da piscina do Estádio "Oswaldo Cruz", aparelhagem essa imprescindível para a conservação e purificação da sua água e que veio valorizar de muito a nossa Praça de Esportes.

16 — **Departamento Social** — Foram realizados o Baile dos Calouros e o Baile Noite de Maio, que, apesar de não ter sido um sucesso financeiro, foi um acontecimento social.

17 — **Biblioteca do CAOC** — Iniciou-se a organização da nossa Biblioteca, com extensa propagação da idéia e arrecadação de livros, para que seja definitivamente estabelecida.

18 — **Estandarte** — Foi restaurado o Estandarte do CAOC que além de ser uma obra de grande valor, encerra tradições inestimáveis. Está hoje exposto na Sala da Congregação da Faculdade.

19 — **Congregação de Alunos** — Teve neste ano que passou, penosos encargos, tendo estudado vários problemas: Transferência; Apresentação na Congregação da FMUSP; Ensino Médico; Situação do Estagiário no Hospital das Clínicas.

20 — **Bandeira Científica** — Partiu para Mato Grosso no dia 4 p. p., a 1.ª Bandeira Científica, iniciativa da turma do 2.º ano, mas que no entanto contou com o apoio restrito do Centro Acadêmico. As finalidades dessa caravana são as mais louváveis: fazer um levantamento epidemiológico da região percorrida; educação sanitária ao povo dessa zona; saber dos recursos médicos da região.

21 — **Departamento Beneficente "Arnaldo Vieira de Carvalho"** — Foi reorganizado e com novos estatutos e a sábia orientação do Prof. Jayme Albuquerque Cavalcanti, seu Presidente de Honra, levantou fundos e atendeu vários colegas necessitados, bem como conseguiu vários empregos para os estudantes com menos recursos.

Os demais departamentos do Centro Acadêmico cumpriram com a sua finalidade, como sóe acontecer todos os anos, portanto serão apenas enumerados: O Bisturi; Farmácia do Estudante; Show Medicina; Departamento de Publicações, etc.

Antes, porém, de encerrarmos este relatório, gostaríamos de deixar consignado neste numero de despedida da Diretoria de 1957, o nosso mais profundo agradecimento aos colegas, que participaram dos trabalhos do Centro Acadêmico, quer no Show, quer na Campanha da Gripe, quer nas Ligas, quer em qualquer outro setor de atividade acadêmica, também aos que estimularam nossas idéias e empreendimentos e, em particular aos diretos colaboradores que para tal foram eleitos:

Yoshitaka Okumura — Vice-Presidente;

Ru bens Rodrigues da Cruz — 1.º Secretário;

Augusto Nascimento Tuiha — 2.º Secretário;

Raul Couto Sucena — 1.º Tesoureiro.

Hélio de Abreu Dallari — 2.º Tesoureiro;

Antonio Carlos Masaroto Cesarino — 1.º Orador;

Raul Marino Jr. — 2.º Orador;

Jorge Miguel Psillakis — Pres. da AAAOC;

Amaury Zechi de Souza — Sec. da AAAOC.

João Gilberto Maksoud — Tes. da AAAOC.

Antonio Adahir Durant — Pres. do DC;

Antonio Ribas Cunha — Sec. Geral do DC;

Lenhita Missaka — Secretário do DC.

Tadashi Uchida — Tesoureiro do DC.

São Paulo, 5 de janeiro de 1958.

Domingos Alves Meira
Ex-Presidente

CARTAS À REDAÇÃO

Recebemos da SECRETARIA COORDENADORA DE ESTUDANTES AMERICANOS DE MEDICINA com sede em Lima, Peru, uma carta relatando as atividades do 1.º Congresso Americano de Estudantes de Medicina realizado nessa cidade de 17 a 24 de Agosto pp. Na mesma vieram os estatutos discutidos e aprovados nesse congresso. A finalidade desse organismo segundo o capítulo 1, artigo 1: é "O intercâmbio de material, experiências, informações entre todos os centros ou associações de estudantes de medicina das Américas entre si."

O PROF. VASCONCELOS enviou à Redação a alocução que proferiu no dia 26 de Setembro no CTA da Faculdade a respeito do tema "Departamento Cirúrgico — suas falhas e incongruências". Esse artigo devido à sua importância é transcrito em outra parte desta edição.

Jornais acadêmicos recebidos: O Estetoscópio (Fac. de Sta. Maria), Forum (CA XXII de Agosto), Praia Vermelha (FNM), O Itano (ITA), Bauru Universitário, O Onze de Agosto (Fac. de Direito da USP), Ad Majora (Fac. de Direito de Porto Alegre), Odontologia Universitária (FNO), Imprensa (CA César Libero), Tribuna Acadêmica (Fac. de Direito de Curitiba) Nefur (Fac. de Engenharia de S. Carlos), O Politécnico (Esc. Politécnica), Esteto (Fac. de Medicina de Ribeirão Preto) e Tribuna Acadêmica (FNM). Todos esses periódicos estão à disposição dos colegas na Redação de O BISTURI.

DESPEDIDA

Meu amigo,

Este é o nosso último ano, ano decisivo em nossas vidas, que talvez sigam rumos diferentes. E' cruel pensar assim, pois amizade tão sólida e tão confortável não deveria acabar desta maneira.

Recordarei sempre os passeios pelo jardim, nos quais falávamos de problemas tão importantes naquela época e os quais, talvez agora, problemas não mais constituíssem. Eramos o eco de uma mocidade ingênua, onde clamavam todas as discussões da nossa sociedade tão difícil de compreender e que na época, quisemos analisar simplificando e complicando os fatos, querendo torná-los claros e compreensíveis, sem quase nunca chegar a uma conclusão.

Nestes passeios, vinham também a baila a questão «nossos futuros», tão duvidoso e tão cheio de ideais.

Agora, apesar dos pensamentos tumultuosos, verificamos que a vida corre normalmente, surgem novos problemas, que são por nós enfrentados às vezes com fria segurança e os quais pensávamos nunca poder solucionar.

Eramos pouco reais, éramos sonhadores que pretendiam transformar o mundo e as pessoas num estalo de segundo, abstraindo-nos deste mesmo mundo do qual fazemos parte e do qual não nos podemos subtrair.

Nossos anseios eram por vezes tornados realidades sem grandes esforços ou então eram lançados por terra florescendo o instinto de defesa.

Meu amigo, este é o último ano e talvez este seja um dos nossos derradeiros encontros. Cada um seguirá sua rota; daqui partiremos para o desconhecido. O desconhecido neste instante em breve será por nós encontrado e tornado também realidade — Como jovens — e tudo faremos enquanto a pujança da juventude clamar em nós. Mais tarde... Sim, mais tarde viveremos apenas da recordação, dos dias de faculdade, plenamente vividos, das deambulações pelo nosso querido jardim e da vida que encontramos ao transpor os portões de sua caída.

Saúdes

AZUIL

COMO ESTÁ A SOCIALIZAÇÃO DA MEDICINA NO BRASIL

(Cont. da pág. 3)

deve ser desligada do Ministério do Trabalho e passar para o da Saúde; deve haver maior independência administrativa e maiores verbas deverão ser votadas para a assistência médica. No Congresso de Ribeirão Preto este palpitante tema foi amplamente discutido e conclusões interessantes foram tiradas dos debates. Seria criado o Serviço Nacional de Saúde e nele poderiam inscrever-se todos os médicos que desajassem, uma vez comprovadas a capacidade profissional e a integridade moral dos candidatos. Os médicos seriam remunerados por uni-

dade de serviço, de acordo com tabelas elaboradas pela Associação Médica Brasileira, em níveis dignos da profissão. Os doentes teriam direito de livre escolha dentro do grande quadro de médicos do Serviço de Saúde. Seriam absolutamente resguardados os direitos já adquiridos pelos colegas funcionários dos Institutos e Caixas. Com estas modificações seriam dadas oportunidades a todos os médicos, mormente aos mais novos que não têm chance de «cavar» um emprego. Voltaríamos um pouco, mesmo dentro da socialização, àquele espírito liberal da profissão.

EXPEDIENTE:
"O BISTURI"
Órgão Oficial do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
ADMINISTRAÇÃO
Rua 7 de Abril, 264 - 6.º andar - S. 602 - Tel. 35-4672
REDAÇÃO:
Av. Dr. Arnaldo N.º 1
Tel. 52-1729 - S. PAULO
DIRETOR RESPONSÁVEL:
José Knoplich
DIRETOR DE REDAÇÃO:
Nelson Fausto
SECRETÁRIO: Dario Yabuta
REDACTORES:
Odilon M. Franco,
Augusto H. Santo, Luis Henrique C. Pascoal, Geny N. Coronel, Thomas Maciel, Alvaro Zerati e Rudolf Hutler
DESENHISTA:
Francisco Di Grado
COLABORADORES: Alunos e ex-alunos da F.M.U.S.P.
DISTRIBUIÇÃO:
Maria Belmira
A Direção não é responsável nem necessariamente solidária com as opiniões contidas nos artigos assinados ou com pseudônimo. Não se publicam colaborações que não tenham autor responsável.
Este jornal é distribuído gratuitamente a todo o corpo docente e docente da FMUSP e os médicos do Hospital das Clínicas; é enviado a todas as Faculdades do país, algumas do Exterior, a várias bibliotecas e Federações Políticas.
Direção Técnica e Comercial:
REINALDO FAGUNDES MICHEL

Verifique ANTES se pode ir pelo

«SCANDIA»...

Para qualquer lugar que V. vá, se estiver pensando, em termos de horas, em termos de comodidade, verifique antes se há um «SCANDIA» fazendo essa linha. O «SCANDIA» cobre maiores distancias em menos tempo... e a mais perfeita combinação de velocidade e extremo conforto!

VIAÇÃO AÉREA SÃO PAULO

NOVATROPINA

LABORATÓRIO STEG SINTÉTICO

FILINASMA

"Subsídios para a História da Cirurgia no Brasil"

Carta lida no C. T. A. da Faculdade pelo Prof. E. Vasconcelos

O Dec. 39 de 3 de setembro de 1934 do Governo Federal aprovou os Estatutos da Universidade de São Paulo e o Dec. 7.065 de 6 de abril de 1935 aprovou a Regulamento da Faculdade de Medicina.

No primeiro Dec. o art. 17, pará. único, estabeleceu as disciplinas, distribuídas pelas Cadeiras, que discrimina. O segundo Dec., no art. 3 pará. único, distribui e numera essas cadeiras, onde as denominações são:

10.a — Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental

16.a — Clínica Cirúrgica (Protopedutícia e Patologia)

17.a — Clínica Cirúrgica (Cirurgia Geral e Patologia Cirúrgica)

18.a — Clínica Cirúrgica (Cirurgia Geral e Patologia Cirúrgica)

Essas Cadeiras completam-se, mas não se confundem e cada uma delas é preenchida por concurso específico.

No art. 7.º do Regulamento diz: «os professores cumprem organizar o ensino das suas cadeiras de modo que os programas sejam executados integralmente».

Pela Constituição no art. 168 ns. VI e VII os professores têm liberdade da Cátedra. Por lei são vitais e inamovíveis (art. 95, Estat. Univ.). Por lei, só podem ensinar regularmente a Cátedra para a qual fizeram concurso, como está no art. 56 do Regulamento da Faculdade e como opina a Consultoria Jurídica da Rectoria.

No regime atual não são permitidas as transferências, senão dentro da mesma cadeira. A Faculdade de Medicina de São Paulo é muito coisa desses princípios, tanto assim que já por vezes fez realizar dois concursos autônomos, mas idênticos para duas cadeiras idênticas mas com especificação e número diferentes na discriminação Regulamentar (v.g. Clínica Cirúrgica e Clínica Médica).

Tendo-se vagado a 18.a Cadeira de Clínica Cirúrgica, o Governador do Estado expediu o Dec. 26.488 de 29 de Setembro de 1956, criando o Departamento de Clínica Cirúrgica e extinguindo a 18.a Cadeira.

Integram o D.C.C. as duas Cadeiras de Clínica Cirúrgica e a Cadeira de Técnica. A direção seria conjuntamente feita pelos três professores respectivos. O Dec. programava a extinção das atuais cátedras, pela vacância, até ficar uma única.

O Dec. prevê que a Congregação devesse aprovar o Regulamento Interno do D.C.C.

A Congregação em 11 de fevereiro de 1957 aprovou um Regulamento no qual a direção não é «conjunta» dos três professores, mas por maioria de 2 a 1. A aprovação do Regulamento fez-se com o voto contrário dos três professores das Cadeiras cirúrgicas. Apesar desses dois graves senões que faziam prever inúmeras dificuldades, foi ele posto em

execução, contrariando assim o dispositivo do Dec., que o criou.

O Regulamento prevê que a distribuição das diferentes disciplinas pelas Cátedras que integram o D.C.C. é «que deverá ser mantida a unidade técnica e didática para cada disciplina, respeitando-se assim, o princípio fundamental, que orientou a criação do D.C.C.»

A Congregação permitiu e existe a «multiplicidade» de disciplinas (v.g. quatro disciplinas de gastroenterologia).

A organização da 18.a Cadeira extinta, foi mantida. O assistente que o art. 8.º do Reg. obriga e que seja da confiança do professor passou a ser de um órgão coletivo, e passaram a existir assistentes de Cátedra extinta. O que dá um forte abalo na autonomia do Cátedra, pois o professor não tem mais o seu assistente, mas um assistente coletivo. Essa prática fere de frente a lei, pois dada a decisão por voto de maioria, o professor poderá ver vetada a sua indicação para seu assistente. E vai de encontro frontal ao art. 80 do Regulamento da Faculdade.

O Dec. que aprovou o Regulamento da Faculdade diz no art. 56: «o professor catedrático incumbido orientar o ensino das disciplinas, que constituem a sua Cátedra».

O art. 95 diz que é «vitável e inamovível».

A Congregação aprovou um dispositivo pelo qual boa parte da disciplina que compreende a 17.a Cadeira é lecionada na extinta 18.a e pelo professor atual da 10.ª (Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental); e aprovou mais, que os professores ensinassem «em rodízio»; pelo qual o professor é deslocado para a 3.a e para a 4.a série e mesmo para outra Cadeira (designando-o para lecionar Técnica — matéria da 10.a Cadeira). O que fere de frente os arts. 56 e do Reg. da Faculdade e o art. 95 dos Estatutos da Universidade.

Esta medida vai contra a Constituição, contra o Dec. que regulamenta a Faculdade e contra o parecer expresso da Consultoria Jurídica da Universidade (a Faculdade é contra o parecer), que o «titular de uma Cadeira só poderá reger a Cadeira na qual está investido». Por todos esses dispositivos, o professor é o responsável pelo ensino da sua Cadeira, é inamovível e só pode ensinar o que está adstrito ao título da sua cadeira. A resolução aprovada fere profundamente esse dispositivo, e destrói a inamovibilidade de que fala o art. 95 do Estatuto da Universidade.

A 18.a Cadeira (Clínica Cirúrgica) foi extinta pela lei 4.000 de agosto de 1957. No entanto, continua a ter instalações, programa, e é regida por um professor estrangeiro a ela. Mas, mais estranho ainda é que esse mesmo profes-

sor dirige, rege e administra a 10.a Cadeira (Técnica Cirúrgica).

Neste semestre houve exames parciais por ele presididos na sua Cadeira de Técnica, e por paradoxal que pareça, houve exames de Clínica Cirúrgica na Cadeira extinta e independente das duas outras.

Será interessante saber a validade das notas adjudicadas aos alunos.

Como se vê, a decisões irregulares só se podem suceder logicamente, atos irregulares.

Os próprios estudantes notaram a incongruência e escreveram no último número do seu jornal estudantil (julho-agosto de 1957), «Foram realizadas provas separadas de Técnica Cirúrgica e Clínica Cirúrgica no 4.º ano. Fomos normados que o fato se deu por determinação da Secretaria da Faculdade. Afinal, existe ou não Departamento de Cirurgia?». É uma pergunta que a meu ver parece perfeitamente cabível diante dos fatos.

O Hospital das Clínicas, que é uma autarquia estabelecida pelo Decreto 10.244 e no art. 43 diz: «cada serviço das subdivisões da medicina e da cirurgia será dirigido pelo respectivo Professor».

Ora, o que se vê é que o Catedrático da 10.a Cadeira, em exercício, dirige a enfermaria de uma extinta Cadeira de Clínica, dá parte do curso que pertence à 17.a (Clínica Cirúrgica) propõe assistentes para uma Cadeira (extinta), da qual não é Catedrático, esta resolução trará profundas alterações aos dispositivos legais e às normas atuais do ensino nesta Faculdade. A essa resolução os professores não têm obrigação de se submeter, quer porque as matérias, que lhe incumbem ensinar esta delimitadas nas denominações das Cátedras, quer porque as matérias pertencem a outras Cadeiras. O Estatuto da Universidade no art. 17 pará. único ditam com precisão a matéria de cada disciplina.

Essas resoluções não só alteram as normas regimentais do ensino, como põem de lado todos os dispositivos que garantem o exercício normal da Cátedra. Essas decisões, certamente não intencionais da Congregação concorrerão poderosamente para o desprestígio da Cátedra e da autoridade das suas funções.

Pego atenção dos colegas, mas aqui me eximo da responsabilidade pelos maus resultados que um Departamento, defeitosamente organizado, produz em que está, venha a dar.

Senhor Diretor, são esses alguns subsídios que, na minha modestia, procuro deixar registrados aos futuros historiadores e apreciadores da Cirurgia entre nós.

São Paulo, 26 de setembro de 1957.

a) Prof. Edmundo Vasconcelos

Resoluções da VII Conferência Internacional da Imprensa Estudantil

Na VII Conferência Internacional de Imprensa Estudantil, que se realizou em Helsinki de 26 a 31 de agosto, reuniram-se redatores estudantes de 19 países. Estabeleceram-se, na ocasião, as condições essenciais para uma imprensa estudantil livre, no consenso geral dos estudantes:

a) A Imprensa estudantil deve ser livre de toda regulamentação estabelecida por órgãos do governo ou das autoridades universitárias.

b) A Imprensa estudantil, excepto no caso de se tratar de um órgão oficial das organizações estudantis, deve achar-se livre de toda influência proveniente de outras organizações estudantis.

c) A Imprensa estudantil deve ser livre de toda pressão financeira ou de outra espécie, exercida por grupos alheios à vida universitária.

d) A Imprensa estudantil deve ter livre acesso a todas as informações e iguais direitos e privilégios que os jornalistas regularmente acreditados.

Tendo em conta que a Imprensa Estudantil tem grande responsabilidade junto aos estudantes, em virtude de seu poder de influir na opinião dos estudantes, a conferência declara ademais que a imprensa estudantil deve tomar consciência desta responsabilidade e preocupar-se constantemente por deixar de lado considerações de caráter partidário. Deve tender em todo tempo a representar os mais elevados interesses dos estudantes e agir segundo suas exigências.

A resposta é do Dr. Darcy Vilela Itiberê atual presidente da A. P. M., quem está mais capacitado no momento para falar sobre o tema

Como está a socialização da Medicina no Brasil

serviços de assistência médica para os trabalhadores. Assim foram criados Institutos, Caixas, etc., todos eles com os seus serviços médicos e grande massa de profissionais viu-se assalariada por estas

organizações estatais e para-estatais. Na verdade, no Brasil, não temos uma verdadeira socialização da medicina. O que temos é um simulacro, é uma simples estatização da profissão médica. O fato de maior gravidade para a profissão médica nesta complicada organização é que tudo foi feito à revelia da classe, sem uma prévia consulta aos seus órgãos de classe ou aos elementos mais destacados. O governo instaurado em 1930 para agrandar as massas operárias percebeu que a criação de serviços médicos gratuitos seria uma grande sensação, um enorme chamariz. Os médicos, naquela ansia de permanecerem nas capitais, disputaram entre si, usando os seus maiores trunfos políticos, aqueles novos empregos surgidos com os novos Institutos e Caixas de Aposentadoria e Pensões. A Previdência Social foi a maior arma política habitualmente manejada pelos políticos dominantes e os médicos os instrumentos destes mesmos políticos. Com o tempo os médicos viram e compreenderam que os seus serviços eram os mais importantes de toda esta organização e os de remuneração mais baixa, mesquinha mesmo. E começou a luta e a revolta contra a chamada socialização de medicina. Ela ali está. Temos que aceitá-la, não há mais como afastá-la. Devemos, entretanto, modificá-la aos interesses dos médicos e, também, dos próprios doentes. Porque o que ali está não atende nem a uns nem a outros. É uma assistência médica de fachada, idealizada por leigos, por políticos e com finalidades políticas. A classe médica, hoje mais arregimentada em torno da Associação Médica Brasileira, está lutando e lutará ainda sem desfalecimentos até a obtenção dos seus direitos. É indispensável que os serviços médicos da Previdência Social sejam organizados e dirigidos por médicos da Previdência Social que

RESPONDENDO A UMA ENTREVISTA

Não poderíamos silenciar diante da entrevista concedida a «A Gazeta» pelo dr. Salomão Chaib, assistente da Clínica de Moléstias do Aparelho Digestivo do Hospital das Clínicas, Serviço do prof. E. Vasconcelos. Dele destacamos um pequeno trecho, em que o Dr. Craib, que acaba de regressar de um estágio na Europa, compara as relações entre professores e alunos aqui e na França, que de tão surpreendente, merece ser citado na íntegra:

«Dignas de nota são as relações entre alunos e professores: a disciplina é quase militar. O professor é respeitado como autoridade máxima e, em sua presença, os alunos mantêm-se em atitude correta, não fumam, não falam e nem mesmo respondem às admoestações. Qualquer quebra da disciplina, já não digo desatento, implica na perda do ano ou eliminação sumária da Escola. Aos alunos não é permitido criticar aos professores, como ocorre aqui, onde um jornal como o nosso «Bisturi» chega ao cúmulo de dar notas» aos professores da Faculdade. Por exemplo, um pequeno pormenor serve para ilustrar o carinho que os alunos dedicam aos seus mestres: ao fim de cada aula teórica, no anfiteatro, o professor é saudado com uma salva de palmas».

Temos a impressão de (mas esperamos estar cometendo um engano) que o entrevistado acha justa e correta esta forma de relação entre alunos e professores e a toma como um exemplo «digno de nota», talvez até para aplicar em nossa Faculdade. So realmente é este o pensamento do dr. Chaib, nada mais podemos fazer, senão lamentar que exista ainda, nos dias de hoje, alguém de cultura universitária e que pensa desta forma, confundindo o respeito pelo professor com a subserviência e a submissão. Afinal de contas, a função de uma Faculdade não é formar autômatos que repitam mecanicamente tudo o que de certo ou errado lhes foi dito pelos mestres. É preciso erradicar de vez, a mentalidade primária do «magister dixit», é preciso antes de mais nada não estrangular, mas sim incentivar o espírito crítico dos alunos, não ofensivo mas sim de crítica construtiva. Por que se quer tirar o nosso direito de crítica? Será porque revelamos erros e falhas (que outros medrosamente escondem dos responsáveis) o que deveriam ser abafados? Acusam-nos de só apontar falhas; respondemos dizendo que a FMUSP já tem um sólido e merecido prestígio formado e não necessita de pro-

paganda. Apontamos os erros, estamos contribuindo muito mais para a grandeza de nossa escola do que aqueles, que inutilmente tentam escondê-los.

Quanto às «notas aos professores» reconhecemos, que embora do nosso direito, elas não contribuirão para melhorar as relações entre alunos e professores e por isso mesmo não serão repetidas, embora ouvíssemos da boca de muitos professores elogios ao sistema das «notas» como forma de crítica, favorável ao não.

«O Bisturi» por ofício consultou o C.T.A. a respeito, porém não obteve resposta».

Esperamos, sinceramente, que o dr. Chaib não pensa tomar como exemplo para a nossa escola a «disciplina militar» das escolas francesas, porém se assim não for, o que mais nos preocupa é que este pronunciamento parte de um moço, que tem e deveria ter a obrigação de substituir a velha geração com uma mentalidade nova. De qualquer forma, queremos abrir essas colunas ao Dr. Chaib para retificar o nosso engano, se é que de realmente existe e lembrar que a salva de palmas ao fim das aulas teóricas nos parece uma demonstração de hipocrisia em relação ao clima de compreensão e amizade verdadeira que existe aqui na Faculdade entre os alunos e a maioria dos professores. A esses verdadeiros mestres, que não necessitam salvas de palmas e que aceitam as críticas de nossa parte, uma vez mais o nosso respeito e a nossa admiração.

N. FAUSTO

(Conclue na pág. 2)

Indústria Farmacêutica QUINAFAR Ltda.

RUA DR. COSTA JUNIOR, 380 — S. PAULO

Apresentará à distinta classe médica o seu Produto Novidade para todo Brasil

PANGAMIN B15 — Capsulas de Vitamina B15



AMOSTRA À DISPOSIÇÃO DOS SNRS. MÉDICOS COM OS NOSSOS DISTRIBUIDORES EM SÃO PAULO

EXPANSÃO COMERCIAL PAULISTA

Rua Santo Amaro, 752 — Telefone: 33-2947



CARREIRA UNIVERSITÁRIA

Querido, você já ouviu falar no programa "O céu é o limite"?

MULHERES UNIVERSITÁRIAS

Não é de hoje que se discute a conveniência da presença da mulher na Universidade. Entretanto, o assunto mantém-se atual e provoca polêmica por toda parte.

Assim é que «El Estudiante», revista internacional das U. N. E. de todos os países, cede duas páginas a um artigo de um estudante de Ghana (África), de título «Mantenha-se a mulher longe das Universidades».

Só o título já dizia da opinião do autor, aliás muito discutível pelos seus argumentos. No entanto, o articulista passa a merecer grande atenção, quando diz que o seu país tem poucas escolas superiores e precisa mais de homens para ser desbravado. Mas, o que mais vale, é a menção do que ele pensa, e que a revista leva sua opinião a todo o mundo universitário.

Da Guatemala, elaborada por uma entidade universitária católica, veio-nos as mãos

CANDIDATOS INSCRITOS

Anos	Total	Fem.	Masc.	Total	Fem.	Masc.
1957	845	120	725	14,7%	80	8
1956	825	144	681	17,5%	80	14
1955	846	136	710	16,1%	80	9
1954	797	124	673	15,6%	81	8
1953	602	91	511	15,1%	81	9
1952	590	103	487	17,5%	80	18
1951	520	111	409	21,3%	83	18
1950	595	102	493	17,1%	80	17
1949	461	85	377	18,5%	81	17
1948	490	80	410	16,3%	81	12

Porcentagem de moças em relação ao total (1.ª coluna).

O primeiro fato que se nota, e que, apesar de lógico, é bom frisar, é que ninguém discute das mulheres a capacidade intelectual, inteligência e cultura.

Mas, pergunta Willie Abraham, de Ghana: Quantas moças se casam e não terminam o curso, ou deixam no por outro motivo qualquer? E, numa extensão nossa à questão dele: As que terminam os estudos, quanto tempo irão exercer a profissão? Cinco, dez ou mais anos, enquanto os filhos não tomam o tempo todo?, em que regime de tempo: «integrals», um período,

uma publicação, que trata do assunto. E sem usar da linguagem terra-a-terra do africano, toca os mesmos pontos. Considera o que viria a carreira a representar para a própria estudante e o que ganha (ou perde) a coletividade com isso.

Já circoulo forte o boato de que a direção da Universidade, ou talvez, a da Faculdade de Medicina de São Paulo, procurava cercar a entrada de moças para a Escola. De vez em quando ainda se ouve falar nele.

Uma análise, mesmo que ligeira, dos vertebulares dos últimos dez anos tira fundamento àquela alegação. A percentagem de candidatas aos Concursos de Habilitação (ao redor de 15%) é a mesma, com alguma oscilação, das estudantes matriculadas. Não haveria, então, impedimento algum à sua entrada para a Faculdade.

CAND. MATRICULADOS

Anos	Total	Fem.	Masc.	Total	Fem.	Masc.
1957	845	120	725	14,7%	80	8
1956	825	144	681	17,5%	80	14
1955	846	136	710	16,1%	80	9
1954	797	124	673	15,6%	81	8
1953	602	91	511	15,1%	81	9
1952	590	103	487	17,5%	80	18
1951	520	111	409	21,3%	83	18
1950	595	102	493	17,1%	80	17
1949	461	85	377	18,5%	81	17
1948	490	80	410	16,3%	81	12

ou mesmo duas, três só horas por dia?

E, ainda nesse plano de considerações, se viesse a lei (necessária), que obriga o médico recém-formado fazer um estágio no interior, o que faria a jovem facultativa se fosse escalada para Guaiçú, no fundo de Minas Gerais? Lá não há médico e a visita talvez tenha de ser feita em lombo de mula. Moça solteira, sózinha, e outros empecilhos familiares mais.

Pois que, no Brasil, nem tudo é a Paulicéia dos Postos de Puericultura. Já que particularizamos o

assunto para a medicina, vamos ficar nele. Há quem queira ver na profissão tarefas mais rotineiras, mais adaptáveis «a temperamentos femininos», e, onde a mulher leve vantagem. Exemplos como puericultura, certos aspectos da pesquisa científica e outros. Segundo essa corrente de opiniões, a presença da mulher seria até necessária na Escola.

Por último, o que vem a ganhar a mulher num curso superior?

Abraham é peremptório; Não ganha nada. Só perde a juventude preciosa, arrisca a feminilidade, torna-se frívola e arruína mesmo seu futuro com a escassez de maridos para mulheres de tão alto nível intelectual. E condena ainda as maternidades tardias, que daí advêm.

A notícia guatemalteca acentua o perigo da masculinização. Defende também a tese de que a mulher procura a Escola Superior, mais por sede de cultura geral, que para exercer uma profissão.

A pergunta — que surge — é o que viria a ser masculinização. A discussão é teórica e profunda. Não é com exemplos individuais que se responde. O fato é que o problema existe. Será que entre nós também?

As opiniões se dividem, nem todas estão formadas; E conveniente mulher estudar em Faculdade (e em particular) de Medicina? Se bem que mentes, que se dizem mais liberais, considerem o problema inexistente, parece que ele ainda causa ceuleuma e merece ponderação.

R. HUTZLER

CENTENÁRIO DE W. JAUREGG

Em 1957, comemorou-se o centenário de nascimento do médico austríaco Wagner Von Jauregg, que introduziu no tratamento da sífilis, a malaroterapia. Foi por essa nova terapêutica, muito difundida antes da era dos antibióticos, que esse ilustre cientista recebeu o Prêmio Nobel da Medicina em 1929 (Jornal Brasileiro de Psiquiatria — Vol. b (2) Jun. 57).

NOTAS CIENTÍFICAS

SEMANA DE EDUCAÇÃO MÉDICA

A 3.ª reunião anual — Semana de Educação Médica — será realizada de 20 a 26 de Abril de 1958. Todos os esforços serão feitos para criar um maior entendimento entre o público, das atividades e problemas de escolas médicas. É uma realização patrocinada pela American Medical Association, The Student American Medical Association, o Comitê de mulheres da AMA, The Association of American Medical Colleges, The American Medical Education Foundation e The National Fund for Medical Education. O programa local e estadual será reforçado por uma publicidade através de todo o país, pelo rádio, televisão, jornais e revistas. Além disso, haverá ajuda das entidades patrocinadoras para os comitês regionais e locais. A Semana de Educação Médica de 1957 contou com a participação de 32 sociedades médicas estaduais. Neste ano, espera-se um sucesso maior. (JAMA 163 — 3 — Set 1957).

Eis um exemplo que deveríamos seguir. Devemos acabar com o tabu de que somente professores catedráticos, que não aparecem às aulas, é que entendem de ensino médico. Por que não promover uma reunião desse tipo durante os festejos do 45.º aniversário da FMUSP. Devemos trazer a experiência dos professores de Ribeirão Preto e da Escola Paulista, para confrontarmos com o que se faz por aqui, e adotarmos o que melhor for. Assim é que se pode pensar em progresso, srs. professores.

CENTENÁRIO DE CLEMENTE FERREIRA

Recebemos do prof. Lopo de Carvalho Cancellia, de Portugal, a separata publicada em «Medicina Contemporânea», 75: Outubro 57, sobre o centenário de nascimento do fisiologista português Clemente Ferreira, recentemente comemorado em S. Paulo. Em resumo, é este o preito de homenagem dos médicos portugueses ao ilustre brasileiro: «Há um século, em 29 de Setembro em Rezende, Estado do Rio, nasceu o prof. Clemente Ferreira, médico dos mais ilustres e iniciador da luta contra a tuberculose no Brasil. Em 1880, formou-se

pela Faculdade de Medicina do Rio e ali defendeu a tese «Tísica Pulmonar»; depois trabalhou em diversos serviços públicos, sendo nomeado em 1899, inspetor sanitário em S. Paulo e ali fundou a Liga Paulista contra a Tuberculose. Em 1902, fundou a revista «Defesa contra a Tísica». Em 1904, fundou um dispensário para tratamento de afecções pulmonares. Homem culto e viajado, estava sempre a par das últimas novidades terapêuticas: o pneumotórax em 1913, os sais de ouro em 1915, o diagnóstico precoce em 1920, o BCG oral em 1926 e a frenicotomia em 1930. Publicou mais de 400 trabalhos sobre a Tuberculose e pertenceu a inúmeras sociedades brasileiras e estrangeiras.

Poucos homens, neste país, em qualquer setor de atividade, produziram o que Clemente Ferreira, com fé, energia e coragem inquebrantáveis, realizou na luta contra a tuberculose.

CONGRESSOS ESTUDANTIS DE MEDICINA

Realizar-se-á de 13 a 18 de Janeiro o 4.º Congresso Internacional de Estudantes de Medicina em Calcutta, Índia, onde a exemplo de anos anteriores, haverá a apresentação de trabalhos originais por estudantes de todo o mundo.

Cogita a Secretaria Relacionadora dos Estudantes de Medicina Americanos, com sede em Lima, Peru (veja-se cartas à Redação) a realização na primeira quinzena de Fevereiro de um congresso sul-americano de Estudantes de medicina.

O congresso de estudantes brasileiros de medicina (XI Semana Brasileira de Debates Científicos), programado para Setembro e que foi transferido para Janeiro em Recife, tudo faz crer, não será realizado. E' pena que os pernambucanos não conseguissem realizar o já tradicional conda aqui na FMUSP, no ano clave.

A Semana Interna realizado foi um dos pontos altos da atividade do DC, que deve olhar mais para estas atividades, do que fazer cursos pré-fabricados, muitas vezes sem resultados. Aguarde-nos a realização de uma Semana Interna melhor e mais organizada para 1958.

REUMATISMO

O Serviço do Prof. Dr. Décourt realizará de 3 a 8 de Janeiro, o primeiro curso de Reumatologia para pós-graduados.

O prof. dr. Flaminio Fávero afirmou na conferência sobre «Os problemas sociais do Reumatismo» que «o reumatismo determina graves problemas sociais. Aumenta por toda parte, colocando-o em primeiro lugar na incidência de moléstias graves. O fenômeno ocorre nos EEUU, Inglaterra e Alemanha. Na Suécia, 4% da população (100 mil pessoas) são incapacitados ao trabalho pelo reumatismo».

É fácil deduzir a série de males que o reumatismo pode produzir no trabalhador em geral; considere-se o desemprego freqüente, as dificuldades econômicas, o tempo e o custo do tratamento e a readaptação profissional. O leigo e muitos médicos não tomam conhecimento destas gravidades, porque o reumatismo não assusta, porque não tem a dramaticidade do câncer, da poliomielite ou da tuberculose pulmonar.

PSIQUIATRIA

O 2.º Congresso Internacional de Psiquiatria realizado em Zurique, teve como tema principal — Esquizofrenias, pois segundo dados apresentados neste conclave um por cento da população do mundo sofre desse mal.

Dois personalidades, mais que todas, abrilhantaram o Congresso — Carl G. Jung, com 82 anos, um dos fundadores de uma teoria psicológica que refuta as idéias de Freud, seu mestre, e Manfred Bleuler, filho de Paul Eugen Bleuler, professor de Zurique, e que estabeleceu o conceito de esquizofrenia e introduziu o termo.

Vários psiquiatras de regiões mais primitivas da África e Ásia confirmaram a hipótese de Bleuler, que a esquizofrenia é de distribuição mundial ocorrendo em populações primitivas (mais raras) e sempre associadas a ilusões que giram em torno de deuses e demônios dos negros, dos budistas e dos cristãos. (Anhembi 28: 84 Nov. de 1957).

A luta contra o câncer no H. C. dependendo do S. N. C.

1) Centro de diagnóstico precoce: tem por finalidade o exame de pacientes sem sintomatologia cancerosa. A Liga de Combate ao Câncer conta com o apoio e colaboração de vários médicos e professores, em cujos serviços serão instaladas as clínicas

para diagnóstico precoce. Os serviços serão dirigidos por assistentes da Faculdade das várias especialidades, sendo auxiliados por acadêmicos dos 3 últimos anos do curso. Os serviços compreenderão:

- a) diagnóstico precoce do Ca de útero
- b) " " " da mama
- c) " " " dos colons e reto
- d) " " " de estômago

Além do exame clínico especializado, serão realizados exames laboratoriais, entre os quais a citologia esfoliativa. Para a realização de obra de tal envergadura há

necessidade de auxílio financeiro, pois teremos que contar com o aparelhamento indispensável e uma verba para o pessoal.

2) Serviço Nacional do

Câncer: instituição federal destinada ao combate do câncer em todo o território nacional. Os diretores da Liga dirigiram-se ao Distrito Federal, em outubro de 1957, onde mantiveram conversações com o Prof. Dr. Ugo Pinheiro Guimarães, Diretor do S. N. C. Nosso plano foi exposto, teve pronta acolhida. Como as verbas de 1957 já foram desvirtuadas para todo o território nacional, conseguimos do Sr. Diretor a promessa de uma parcela para o próximo ano.

Queremos aqui salientar as inúmeras realizações desse serviço, como podemos verificar através de dados que nos mostrou o seu eficiente Diretor.

3) Instituto Nacional do Câncer — hospital para cancerosos indigentes, um dos muitos construídos através de auxílios do S. N. C.

Durante nossa estada no Rio tivemos a oportunidade de visitar esse nosocômio. Foi inaugurado em Agosto de 1957, pelo atual Diretor do S. N. C., sendo dirigido pelo Dr. Antonio Pinto Vieira. Trata-se de um hospital ultra-moderno, com os mínimos detalhes de técnica hospitalar. Sua capacidade é de 350 leitos, divididos pelas várias clínicas. Possui bomba de cobalto de 2.400 curies com cadeia rotatória tipo Barachi. Oito aparelhos de radioterapia, 8 de radiodiagnóstico e 3 gr. de rádio entre tubos e agulhas.

Trabalham nesse hospital 390 funcionários: 78 médicos, 312, entre enfermeiras, funcionários e técnicos.



Do Serviço Nacional do Cancer, depende o funcionamento da Liga Combate ao Cancer



SIEMENS

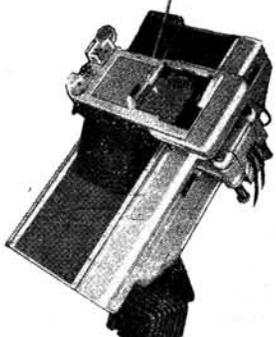
Tradição de qualidade

APARELHOS DE RAIO-X:
de Diagnóstico e Terapia.

APARELHOS DE FISIOTERAPIA:
Ondas curtas, Ultrassom, Bisturi elétrico, Electrocardiógrafos, Electroterapia, Electrochoque, Ultra-Violetas, Infra-Vermelhos, etc.

EQUIPAMENTO CIRURGICO:
Instrumental — Esterilização — Mesas — Lâmpadas de operação — Aparelhos de anestesia «Römulus» — Incubadoras — Tendões de oxigênio — Móveis assépticos, etc.

TODO EQUIPAMENTO HOSPITALAR!
GABINETE DENTÁRIOS!




CASA LOHNER S. A.

MÉDICO - TÉCNICA

RUA SÃO BENTO, 220 — TEL. 33-2175
End. Teleg.: «RENOL» — SÃO PAULO

Matriz: — Rio — Av. Rio Branco 133
Filiais e Agências: São Paulo, Londrina, Presidente Prudente, Baurá, Ribeirão Preto, Uberaba, Goiânia, Fôrt. Alegre, Blumenau, Curitiba, Bel. Horizonte, Varginha, Vitória, Salvador, Macéió, Recife, Fortaleza, São Luis, Belém e Manaus.



William Harvey, nascido a 2 de abril de 1578 em Folkestone, Inglaterra, foi o gênio que elucidou o problema da circulação.

Após as descobertas de Serveto sobre circulação pulmonar, a não existência de poros no septo por Realdo Colombo e a demonstração das válvulas nas veias por Canano e Fabricio, Harvey com verdadeira astúcia estabeleceu os fatores da circulação e demonstrou suas hipóteses com experiências claras, organizadas e executadas com êxito.

Graduou-se na Canterbury Grammar School, a seguir entrou para o Cains College, Cambridge, recebendo o grau de Bachelor of Arts em 1597. Dirigiu-se a Pádua, onde doutorou-se em Medicina em 1602. Voltou a Londres, tornando-se médico do Hospital

S. Bartolomeu, professor de anatomia e cirurgia e médico de Carlos I e Jaime I.

Não foi feliz em clínica, apesar de ter sido nomeado presidente do Royal College of Physicians.

Publicou em Frankfurt em 1628 seu famoso livro EXERCITATIO ANATOMICA DE MOTO CORDIS et sanguinis in animalibus, livro que revolucionou os conceitos de Galeno sobre a circulação e que até então eram ensinados nas escolas médicas.

Em seus 17 capítulos demonstrou que o coração se contrai durante a sístole e o sangue é expulso do coração. Este funcionaria pela sua força muscular.

O sangue expulso do coração direito vai para a artéria pulmonar e o do coração esquerdo passa para a circulação geral; durante a diástole, o sangue flue das grandes veias para as aurículas e depois passa para os ventrículos.

Suas idéias foram fortemente combatidas, mas Harvey encontrou apoio para combater seus adversários.

Além de trabalhos sobre a circulação fez complexos estudos sobre a geração, as quais foram compiladas em seu EXERCITATIONES de Generatione animalium.

Harvey chamou a atenção para a anatomia patológica e foi ele quem teve a ordem para autopsiar o velho Parr (faleceu com 152 anos de idade).

Pouco antes de morrer de gota transferiu seus bens para o Royal College of Physicians a fim de custear a biblioteca e promover uma conferência anual; diga-se de passagem, até hoje ainda é realizada pelos mestres da Grã-Bretanha.

Faleceu em 1657.

AROLDO MINITI



Estão de parabéns o Dept.* Cultural do CAOC e a diretoria do D. F., pela brilhante iniciativa de promover durante o mês de outubro uma exposição de quadros folclóricos de autoria do Pintor Pedro Corrêa. Cumprem assim os estudantes de Medicina o dever de prestar apoio à arte, como meio de elevação cultural de todos.

O prof. Aguiar Pupo, diretor da Faculdade e outros professores prestigiaram a iniciativa, comparecendo a exposição por ocasião da festa de Inauguração da Nova Sede do Dept.* Feminino; a todos agradecemos.

Registrarmos na ocasião a instituição de uma nova data festiva que se



tomará tradicional no D.F., a festa de confraternização entre alunas e ex-alunas. Oxalá esse exemplo frutifique no sentido de fortalecer a união e solidariedade da classe médica.

O PINTOR E SUA OBRA:

Pedro Corrêa é um pintor autodidata. Os motivos de suas pinturas e guaches são quase todos do folclore nordestino.

Vemo-lo ao lado do painel de sua autoria, que foi oferecido à nova sede do D. F. O motivo escolhido foi o «Bumba meu boi», das tradicionais festas sertanejas.

A originalidade e expressividade de seus trabalhos têm garantido ao pintor o beneplácito da crítica especializada.

Quanto a nós estudantes, a exposição feita no D. F., deu oportunidade não só de despertar maior interesse pela arte como também de, através dos motivos focalizados, conhecer um pouco dos costumes, da vida e alma de nossos irmãos do Norte. Pedro Corrêa trouxe ao nosso meio o outro pedaço do Brasil, por intermédio de sua pintura.

J. M. M. C

O Discurso...

(Cont. da 1.ª pág.)

mento. Disso preveniu os médicos, citando o Prof. Jairo Ramos, em conferência realizada recentemente: «O Estado precisa e deve oferecer assistência médica eficiente à população necessitada. Sua aplicação em alguns países é

que foi mal feita. Errada e mal orientada em suas bases, não podia trazer, como não trouxe, resultados benéficos. Pelo contrário, trouxe mal-estar, incompreensão e insatisfação. E isto foi o que ocorreu no Brasil. Com a socialização, o Estado passou a interferir na vida do profissional da medi-

na em benefício da coletividade, tentando oferecer aos falhos de recursos econômicos a mesma segurança que auferem os que têm fortuna ou recursos, que permitam obter serviços médicos eficientes. No Brasil, entretanto, como estes serviços foram criados em época em que imperavam processos políti-

cos, que visavam mais a demagogia do que a resolução de problemas fundamentais, suas bases são frágeis e seus objetivos não são atendidos».

E acrescentou: «É esta a situação que muitos de nós ireis enfrentar».

Prosseguindo nessa ordem de idéias, afirmou o

(Conclusão na pág. 6)

CONVERSA INTIMA COM A FACULDADE

— Faculdade, eu vim me despedir de você. É a última vez que lhe falo como estudante.

— Não vá se esquecer da colação de grau, doutorando. Nosso último encontro será lá.

— Eu sei, faculdade. Mas aquilo será sessão solene, diante do público, que a gente não conhece bem e que não conhece bem a gente. Eu queria mesmo era conversar com você num lugar sossegado, como aqui, na sala de «O Bisturi». Hoje, eu não tenho plantão, sabe, e eu vim até o Lucas cortar o cabelo... e depois vou matar a saudade aqui na redação do nosso jornal. Fiquei sózinho, pensando, lembrando... e, enquanto lá fora passavam os estudantes, discutindo ou pilheriando, eu ia revivendo todas as emoções de nosso convívio, que já vem de seis anos. Sabe, eu dei boas gargalhadas... para disfarçar as palpitações que senti, só de lembrar o vestibular. Depois sorri, tentando disfarçar o orgulho... mas porque disfarçar o orgulho justo? Afinal minha faculdade é padrão A, tem tradição honrosa, possui grandes homens, grandes departamentos... Ai eu fiquei triste... Porque? Sabe... eu pensei nos homens e nos departamentos e... pensei em todos... um por um. Fui subindo... de vagar as escadarias da escola... Anatomia... Patológica... Micro... Farmaco... como eu estava feliz!... E fui subindo... e... se eu lhe contar, você guarda segredo?

— E que... eu chorei, sabe... quando cheguei lá em cima. Você me compreende, não é? Depois eu pensei no Hospital, nas aulas de clínica, no internato e de novo eu fiquei feliz... mas ainda com lágrimas nos olhos. Porque? Sim, Faculdade: eu não me conformo que sejam apenas boas, as coisas que podem ser excelentes, que têm tudo para serem magníficas.

— Mas, fale doutorando, explique-se!

— Eu sei, Faculdade, que não devia, assim na despedida, falar destas coisas. Mas é pelo seguinte: antes do vestibular, eu admirava o seu prédio magestoso, que me impunha respeito, se não certo medo, pelas dificuldades e mistérios que representava. Depois as aulas, as amizades, o contacto com seus professores, a participação da sua vida, Faculdade, desde as alterações de curriculum até as lutas em defesa de seu nome nos congressos estudantis... e mesmo nas disputas esportivas... acontece que, sem que se perceba, começa-se a querer bem e... eu vou lhe confessar... — prque sei que você gosta também, e muito, de todos nós — termina-se sentindo por você... amor... amor profundo, espontâneo... puro. Amor que nos faz compartilhar, como se nossas, as suas alegrias. E nos faz sofrer, como se próprios, os seus dissabores.

É por isto, que nesta conversa de adeus, Faculdade querida, vem-me à mente, mais que suas glórias de todos conhecidos e festejadas, seus problemas, suas dificuldades, suas imperfeições.

Porque pensar nisto agora? — Porque eu desejo que você seja sempre melhor, progrida sempre mais, que ninguém possa criticá-la, entenda? Porque, quando a criticam... eu sofro, fico triste... tenho vontade até de mentir para defendê-la; mas você nos ensina a não mentir... —

Por isto, vamos conversar um pouco só sobre o...

EXAME VESTIBULAR

Deve ser melhorado, você bem o sabe. A reforma de há dois anos foi um retrocesso. — Não, não discuta, Faculdade; deixe-me falar. — A tendência moderna dos exames de seleção é para a entrevista pessoal, além da aplicação de testes psicológicos, intelectuais e vocacionais.

Nós, o que fizemos? —

Abolimos o exame oral!... E isto, quando estamos sentindo tão proximamente as conseqüências, que, se raras, não menos grave e tristes, de uma seleção imperfeita.

Vamos lembrar que o vestibular em última análise seletiva, não calouros, mas médicos. E isto é muito importante. Tão importante, eu acho — e você acha também, eu sei — que vale a pena fazer todos os sacrifícios para superar as dificuldades não pequenas de uma seleção eficiente, por isto trabalhosa, dentre os 800 ou 1000 candidatos, que procuram-na anualmente.

O vestibular é a primeira barreira, e — sejamos francos, Faculdade — praticamente a única barreira no caminho do diploma. É preciso que seja muito bem realizado; perfeito, se possível. E é possível!

Uma prova científica escrita, eliminatória, e uma posterior rigorosa seleção, baseada em entrevista pessoal e testes psicológicos e vocacionais, são as nossas sugestões. Você, Faculdade, com a experiência de seus professores, saberá outras e melhores soluções. Realize-as!

FACULDADE E ESTUDANTE

— Sim, você e seu estudante. E sobre isto que eu quero conversar com você agora, minha Faculdade.

— Como assim? — É que as vezes, em alguns departamentos, vários mesmos, você fica muito ocupada com suas pesquisas, ou com problemas administrativos e... você nem percebe... eu bem sei — mas por isto mesmo eu quero lhe dizer — que as vezes — você se esquece do estudante.

Você dá as aulas, faz os exames, tudo direitinho... mas falta aquele interesse, aquele calor, aquela simpatia que atrai o estudante a ficar depois das aulas, a pro-

(Conclusão na pág. 6)

penicilinoterapia oral mais digna de confiança

V-CIL

(Penicilina V, Lilly)

A 'V-Cil' foi descoberta nos Laboratórios de Pesquisa Lilly, a fim de satisfazer as necessidades de uma penicilina ácido-resistente, para penicilinoterapia oral mais eficaz.

A acidez gástrica não afeta muito a potência da 'V-Cil' (a 'V-Cil' é um ácido). Pelo contrário, 50 por cento da potência da penicilina G potássica pode ser destruída pelos ácidos gástricos em 10 a 30 minutos. A 'V-Cil' elimina a maioria das objeções sobre a penicilinoterapia oral, produz níveis sanguíneos 50 a 100 por cento mais elevados, e torna o uso oral da penicilina mais prático.

A absorção da 'V-Cil' inicia-se imediatamente no duodeno.

POSOLOGIA: Três doses diárias de 125 ou 250 mg. Pode ser administrada sem consideração às refeições.

ELI LILLY AND COMPANY OF BRAZIL, INC., São Paulo, Brasil

AOS DOUTORANDOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO — TURMA DE 1957 — A LABORTERAPICA BRISTOL S. A., ASSOCIANDO-SE ÀS HOMENAGENS QUE LHE SÃO TRIBUTADAS PELO FELIZ TÉRMINO DE SUA JORNADA ACADÊMICA, APROVEITA O ENSEJO PARA LHE DESEJAR UMA VENTUROSA VIDA PROFISSIONAL E VOTOS DE FELICIDADE PESSOAL.

CONVERSA INTIMA...

(Conclusão da 5.a pág.)

curar os mestres, pedir-lhes orientação, querer ajudá-los em seus trabalhos, realizar pequenas pesquisas científicas... enfim, «viver» a matéria que está estudando.

Você apregoa sempre que a sua função não é só instruir, é educar; é dar instrumentos básicos para a instrução; é formar mentalidades que consigam se instruir, de per si.

Mas isto não se consegue apenas em aulas formais e rígidas, teóricas ou práticas. É preciso mais. É necessário que mestre e aluno sejam amigos; que um oriente, estimule, acompanhe o trabalho e a evolução do outro.

Entre nós, a tendência ao afastamento do binômio mestre-aluno é, infelizmente, sempre maior. Há cordialidade... mas as relações são superficiais. Talvez, a culpa seja do aluno. Mas, não vamos discutir se há culpados. Vamos tentar resolver o problema.

Você não acha, Faculdade, que caberia ao professor dar o primeiro passo para quebrar esse círculo vicioso, e trazer o aluno de volta aos departamentos para fazer estágios, auxiliar nos trabalhos e na rotina, conhecer os departamentos e seus mestres «por dentro»?

— Mas, eu quero lembrar a você que já estou tratando disso. Ainda há pouco, o meu diretor criou os cargos de aluno-monitor.

— E verdade, Faculdade, e todos ficamos muito contentes. Foi realmente mais um passo magnífico, que nós lhe ficamos devendo.

Mas, as instituições mais perfeitas não funcionam se não houver a animação e o sopro do esforço humano.

— Você tem razão, doutorando. Eu também já havia pensado em fazer algo. Não se compreende que o universitário encerre as aulas às 3 ou 4 horas da tarde e tenha três ou quatro meses de férias, ficando ao léu, geralmente em atividades extra ou para-médicas.

— Exatamente, Faculdade; mesmo entre os estudantes, já está amadurecendo este pensamento.

Aqui eu desejava lembrar uma sugestão que «O Bisturi» já publicou no ano passado, citando um trabalho do Dr. Ferraz Saltes. Imaginou ele resolver o problema do vestibular e da assistência integral ao estudante durante o curso, com a criação de uma seção de Psicologia Médica que iria orientar o vestibular, bem como acompa-

nhar a evolução psicológica e médica dos estudantes, resolvendo os problemas, conforme fossem surgindo... além de sanar uma pequena falha que já está reclamando, há anos, uma solução de você: daria um curso regular de Psicologia Médica.

Já que estamos sugerindo, vou lembrar também o sistema de tutores de alunos, adotado em outras escolas (ITA, por exemplo), onde os estudantes são tão amadurecidos quanto os nossos, e não se sentem diminuídos de receber orientação nos mais variados problemas.

Converse com os seus professores, Faculdade. Reuna a Congregação, nomeie comissões, estude o problema com carinho e com os imensos recursos ao seu alcance: estou certo que soluções, melhores e mais exequíveis, surgirão.

Conversemos ainda, um instante, sobre o...

CURSO CLÍNICO

do 3.º ao 5.º ano, particularmente sobre as aulas práticas — que as teóricas são boas, via de regra — e como nós só estamos falando de problemas...

— O que há com as aulas práticas?

— E o seguinte: as aulas práticas são espaçadas, curtas em si, encurtadas por encontros burocráticos («chamadadas», provinhas, notas, etc.); são apresentados um ou dois casos, que via de regra nunca mais serão vistos pelo estudante. O exame do doente tem que ser rápido pela premência de tempo; o espírito do estudante é distraído pela aula anterior que terminou há minutos, se não estiver preocupado com o início da seguinte, dali a pouco. A terapêutica é citada, mas seus efeitos não são «viduados» pelo estudante: ele nunca tem a sensação de um pulso baixando, ou um edema se reduzindo progressivamente, pela ação dos digitálicos. Sentir, ver diariamente, palpar, auscultar repetidas vezes, é diferente de ouvir falar uma vez...

Além disto, com o horário da manhã integralmente tomado pelas aulas, não sobra tempo para o acadêmico trabalhar em alguma enfermária, a não ser com o desleixo dos deveres escolares.

— Aonde você quer chegar, doutorando?

— Ao estágio, sim. Estágio em rodízio pelas enfermarias, desde o 3.º ano. Estágio de aprendizado, não apenas de trabalho, bem entendido. Es-

tágio obrigatório com aulas, demonstrações, visitas, reuniões... uma atividade didática intensa e extensa.

Porque não citar o exemplo de nossa co-irmã (Ribeirão Preto) em que o seguinte sistema está obtendo êxito indiscutível: estágio de propedêutica no 3.º ano; estágio da patologia e especialidades nos 4.º e 5.º anos; internato no 6.º ano. Horário?

— Das 7 às 11 estágio nas enfermarias; das 11 às 12,30: aulas teóricas. À tarde: cadeiras de laboratório. E sempre os estágios são de seis meses seguidos em cada cli-



WILLY KENZLER

Orador da Turma de 57. Assim há continuidade. O estudante vive a enfermária, adquire noção da evolução, fixa os quadros patológicos e os esquemas terapêuticos pela experiência diária e não através da decoração nas madrugadas de véspera de exame.

Só sentimos bem a relativa ineficiência das aulas práticas, quando agora, no internato, observamos as aulas que recebem colegas de outra turma: como é pálida e inconsistente a noção que recebem dos casos apresentados, se comparada à profundidade do aproveitamento, que o interno obtém de cada caso bem acompanhado.

Falei do interno, e aí queria chegar...

O DOUTORANDO INTERNO

Em primeiro lugar, mais uma vez as felicitações mais calorosas de todos os estudantes, particularmente dos doutorandos, que já usufruíram desta magnífica instituição. Foi uma vitória, cujos louros a podem orgulhar, Faculdade, mas...

— Mas, não devo dormir sobre os louros; é isto que você quer dizer?

— Obrigado pela ajuda, Faculdade. Você mostrou que bem sabe que em medicina não há estacionar; ou se progride, ou de regride. E o in-

ternato no 6.º ano ainda tem, apesar de bom, muito que progredir.

Você, Faculdade, precisava alertar os seus mestres de que o doutorando interno (bem como o médico interno e residente) não são meros funcionários subalternos, em quem todos mandam, de quem todos exigem, e que aprende apenas do trabalho, que executa.

Do trabalho médico todos aprendem: também o médico auxiliar, mesmo o assistente e o professor. Mas, o interno submete-se ao regime que conhecemos, exclusivamente porque assim adquire o direito de receber ensinamentos, não só através do trabalho, mas também direta e ativamente do corpo clínico do serviço em que estiver estagiando.

— Mas, não é assim, então?

— Deveria ser, mas não é. Eu previa a sua estranheza; por isto vim lhe contar que, muitas, senão a maioria das vezes, os médicos, mesmo os assistentes, esquecem o seu papel docente em relação ao interno; comportam-se como se este fosse apenas um colega subalterno, de quem tudo podem exigir e nada ficam devendo. O interno transforma-se então em auto-didata, para preencher a finalidade de seu estágio: aprender, pois raras são as discussões de casos, que realmente mereçam tal nome. As visitas não passam de formalidades, frequentemente. Aulas... aulas para internos? — Ah, sim, uma vez houve algumas...

E claro que há exceções; e magníficas exceções, às quais aqui ficam nossas homenagens. Mas, você sabe bem — todos sabemos — a quem cabe a carapuça.

Não é por mal que o fazem. Creio que é por omissão, por não se lembrarem de que o interno precisa ser ensinado, precisa ter programas de atividades didáticas, ser incentivado no estudo, ser orientado em sua evolução científica e técnica. E ele que representará você na vida prática, perante o público. E, se até hoje o tem feito bem, foi mais por esforço próprio e pelos ensinamentos que o doente não nega a quem quiser examiná-lo e estudá-lo.

★

A conversa ficou longa; a tarde findou. Você já está silenciosa, Faculdade. Ficou triste? Falei demais?

Eu sei que você não me levará a mal, pois sua grandiosidade não lhe tirou nunca a honestidade de aceitar suas falhas, nem a simplicidade de ouvir palpites de um seu discípulo, que mal se firma sobre os pés de médico.

Falei de velhos temas; apresentei sugestões conhecidas. Perdoe se não o fiz melhor e se a critiquei algumas vezes. Se o fiz, foi como um filho que critica a seu pai, mas acima de tudo o ama e venera sempre.

Willy Kenzler

O DISCURSO...

(Conclusão da 5.a pág.)

Prof. Décourt acreditar na justiça de uma revindicação pela melhoria das condições de salário, em face dos problemas atuais, mas salientou outra vez os deveres do médico: «Devo advertir-vos, contudo, que na seriedade do compromisso que hoje prestais e que formará a estrutura indeformável de vossa personalidade, está a exigência básica, indelétric e necessária, de um elevado padrão na assistência médica dispensada à população doente, qualquer seja o problema que estareis enfrentando.»

Contou então do trabalho desenvolvido pela As-

INDICADOR MÉDICO

CLINICA DE OLHOS ARMANDO GALLO

OCULISTAS: Dr. Armando Gallo, Dr. B. Borges Vieira, Dr. Sergio Valle, Dr. Edison de F. Teixeira, Dr. A. Malta, Dr. C. A. Bresser Soares

ORTOPTISTAS: Cecília Ferreira Gallo, Hildegard Braack, Cecília B. Morco, Lia Guidi, Helen Lane

MOLESTIAS GENITO-URINARIAS

D. R. ORLANDO MELLONI
Cnos.: Rua 7 de Abril, 264 9.º Conj. 911 - Fone: 32-3501
Res.: R. Desemb. Guimarães, 85 - Fone: 62-1868 - S. Paulo

DR. VICENTE DI BELLA

Obstetrícia - Ginecologia - Plástica - Câncer ginecológico
Obstetra da Pré-Matrn. Paulista (Tel. 36-6374)
Residência: RUA TUTOIA, 873 - Fones: 70-7036 e 80-8070
Consultório: AV. S. JOÃO, 1.151 8.º Andar - Conj. 81
Telefone: 51-5823 - Das 14.30 às 18.30 (Mercar hora)

DRA. ELLEN SCHWARZ

CLINICA DE SENHORAS
RUA CONSELHEIRO ZACHARIAS, 345 (esq. Rua Veneza) (Jardim Paulista) - Telefone, 8-4985 - Consultas: Das segundas às sextas-feiras - Das 14 às 17 horas

DR. OSCAR MASSARIOL FARINA

PEDIATRIA
Consultório: Rua Maria Paula, 62 - 12.º andar - Tel. 36-4336
Residência: Rua Estados Unidos, 795 - Telefone: 8-5965

DRA. DIRCE DE CAMARGO RODRIGUES

MOLESTIAS DE SENHORAS
Cons.: R. 7 de Abril, 118 - 6.º Andar - Conj. 602 - Fone, 35-1771
Residência: Fone 62-2989 - SÃO PAULO

PROF. DR. MARIO DEGNI

CIRURGIA GERAL - CIRURGIA TORÁXICA - CARDIOVASCULAR E DO APARELHO DIGESTIVO
R. D. VERIDIANA, 661 - FONE, 34-4444 - 35-9700 35-8312

CLINICA CIRURGICA

— DO —

DR. HENRIQUE SMITH

Cirurgia Geral - Traumatologia - Ginecologia
Consultório: Rua Arouche, 49 - 1.º - Ap. 201 - Tel. 36-5330
Residência: Rua Vitorino Carmilo, 680 - Telefone, 52-3646

DR. NELSON CAYRES DE BRITTO

CIRURGIÃO
Consultório: RUA 7 DE ABRIL, 230 - 4.º Andar - Tel. 34-1525
Resid.: RUA CARDEAL ARCOVERDE, 650 - Telefone, 8-3692
SÃO PAULO

DR. ADAIL FREITAS JULIÃO

ELETRONEUROLOGIA
R. MARCONI, 53 - 6.º ANDAR - TEL. 34-8649 - S. PAULO

DR. PIRAGIBE NOGUEIRA

Livre Docente de Clínica Cirúrgica e de Técnica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
CIRURGIA GASTROENTEROLOGIA e CIRURGA EM GERAL
Consultório: Rua 7 de Abril, 118 - 10.º Andar Apto. 1.004
Fone: 34-6876 - Das 16 às 19 horas
Residência: ALAMEDA LORENA, 1.999 - Fone: 8-3703

PROF. RAPHAEL DA NOVA

CATEDRÁTICO DA CLÍNICA
Oto-Rino Laringologia da F. M. U. S. P.

sociação Paulista de Medicina no sentido de descobrir, estudar e solucionar os problemas médicos-sociais do Estado de São Paulo e do impulso por ela dado para a criação da Associação Médica Brasileira, «que hoje já é uma realidade, está à espera do vosso apóio».

E finalizando, teve ocasião de referir as dificuldades e tentações a serem vencidas pelos diplomandos; citou o Prof. Goffredo da Silva Telles Jr.: «Estas épocas em que a demagogia campeia em todos os terrenos, caracteriza-se por uma psicose, uma doença que eu chamaria a psicose das reivindicações, porque todos têm a impressão de que têm a impressão de que têm direito a tudo, esquecidos de seus deveres para com a sociedade e para com os seus semelhantes.»

A seguir: «Como jovens, idealistas e lúcidos, deveis ter sentido no ambiente sinais premunitórios desta mentalidade. Lamentou a tendência imediatista em voga em nossos dias e seus resultados: a improvisação, a

agonia de consciência e a falta de sanções morais.

Manifestou poucas esperanças numa possibilidade de reação imediata: «Erguem-se tórreres para a Catedral, mas não se erguem as almas a Deus». E conclamou os médicos a um trabalho de reação: «E muito pode fazer o médico no interior do organismo social, dada a força de penetração que caracteriza a sua atividade.

No final justificou «ter apontado mais os deveres dos médicos, já que a Faculdade menos cogita deles; e a despedida: «Não vos faço uma despedida patética, cheia de eugúrios e de votos por uma perene felicidade. Não. Tendes à vossa frente um longo caminho e não podemos esperar que ele seja muito fácil. Se, entretanto, cada passo nesse caminho vos levar sempre mais perto do ideal; se todos eles forem dados com a integridade moral que jurastes hoje e se, assim realizados, eles jamais cessarem durante a vida, sereis homens privilegiados na profissão e na sociedade.

«É o que vos desejo».

UM APANHADO SOBRE O QUE FORAM OS 365 DIAS DE VIDA DE NOSSA FACULDADE, NO ANO QUE PASSOU

No terminar de um ano velho e no despontar de um ano novo, é comum vermos aqui e acolá, retrospecto dos fatos que marcaram a vida deste ou daquele setor, nos 365 dias que a Terra demorou em seu giro solar. Em relação à FMUSP — o nosso pequeno mundo — também não podemos nos furtar de um retrospecto. E' o que faremos a seguir, adotando um critério cronológico na apresentação dos fatos ocorridos.

A FACULDADE E OS CALOUROS

A época dos vestibulares motivou uma intensa movimentação dos veteranos nas atividades de cobrança de taxas, etc. e que culminou com a saída de uma edição extra d'«O Bisturi», dedicada ao esclarecimento e divulgação das coisas da casa, às centenas de vestibulandos. O trabalho continuou posteriormente com outras atividades orientadas pela Comissão de Recepção, que, pelo seu caráter, representam muito de progresso nas atitudes dos universitários com relação ao entrosamento dos calouros no seu novo meio. Mais uma vez se comprova que o trote é coisa obsoleta.

O CURSINHO OSWALDO CRUZ ENTRA EM CRISE — OS ESTUDANTES DE MEDICINA VÃO AS RUAS VENDER AGUA

Um fato negativo e um fato positivo.

A confusão no Cursinho foi tal no começo do ano, que é quase impossível fazer uma análise segura dos fatos. Mas, o resultado de tudo é que a turma de professores saiu e novos foram escolhidos dentre aqueles colegas que desejariam dar aula, a princípio, na «pura vocação». Triste capítulo na história de um cursinho que tantas glórias conquistou para o CAOC.

A Campanha da Saúde obteve pleno sucesso. Foi uma abertura do Centro Acadêmico para o povo em geral e uma oportunidade de os calouros, através desse trabalho, se entrosarem mais com a vida da escola. Faltou apenas uma divulgação posterior do destino dos fundos obtidos.

E para encerrar esta parte, mais uma vez o Sr. Amós tentou o ingresso nesta Faculdade. E mais uma vez foi podado. Quosque tandem?>

E O DEPARTAMENTO DE CIRURGIA FOI CRIADO

Talvez seja esta a conquista mais importante, que tivemos, após o estabelecimento do internato para os doutorandos. Questões várias fizeram com que o recém-nato departamento ficasse estruturado com três cabeças. Isso, até alguém vencer o concurso de resistência...

Ele trouxe, contudo, muitos pontos positivos, como o entrosamento clínico-cirúrgico, de grande valia. Apenas não entendemos uma coisa: porque há notas separadas para as disciplinas de Técnica Cirúrgica e Clínica Cirúrgica? Será que o Faria quer assim?

TENTA O PRESIDENTE MEIRA UMA REFORMA DE BASE NAS LIGAS ASSISTENCIAIS DO CAOC

Vale registrar esse esforço. Algumas modificações foram feitas e outras estão programadas a longo prazo. Assim, foi criada a Liga da Medicina Preventiva, que encampou a antiga Liga de Combate à Sífilis.

Em todos esses planos, presentes e futuros, quer nos parecer que faltou a explicação aos colegas do real sentido das ligas, não só como fonte de aprendizado, mas também como a oportunidade de um real serviço, como estudantes e futuros médicos prestamos à sociedade. Este último aspecto tem sido muito esquecido e com isso corremos o perigo de um pragmatismo desaconselhado.

A UEE FEZ REALIZAR O SEU CONGRESSO ESTADUAL DENTRO DA PRÓPRIA FACULDADE, MAS PARECE QUE A TURMA DAQUI NEM TOMOU COÑHECIMENTO

Poucos colegas, além das queles componentes da ban-

cada do CAOC, se interessaram por seguir um pouco do Congresso. Isso veio mostrar que as atividades universitárias extra-faculdade ainda não conseguiram despertar o interesse do pessoal. Exceto a Mac-Med, é claro...

A nossa bancada saiu-se bem e as duas teses apresentadas pelo nosso pessoal, no âmbito geral, foram boas. E, já que falamos em UEE, cumpre registrar o desempenho de elementos da Faculdade nas realizações da entidade máxima dos universitários paulistas, durante o ano. Parabéns ao Cesarino e a todos, que com ele trabalharam.

CHEGOU A II INTER-MED: A NOSSA TURMA FOI AO PARANÁ, COMPETIU, GANHOU MUITOS TROFEUS... E DEIXOU TODO LÁ

Motivo: quebra-pau geral. E a Inter-Med nem chegou ao fim. E dessa maneira os universitários vão sendo «conhecidos pelo povo em geral...

1957: MARCO IMPORTANTE NA HISTÓRIA DO BISTURI

Em Maio, inaugurou o Bisturi sua Redação, em sede própria. Pelo que sabemos, trata-se do único jornal universitário de nosso meio, que pode se orgulhar de possuir uma local própria de trabalho. Nesse fato não pode ser esquecida a atuação do ex-presidente Cinelli Júnior, que empenhou o melhor de sua boa vontade e esforços, para que o nosso jornal contasse com esse melhoramento. Na ocasião da inauguração houve um coquetel oferecido à imprensa universitária de S. Paulo, durante o qual foi lançada pelo nosso diretor Knoplich, a idéia da fundação de um Bureau de Imprensa universitária sob a égide da UEE. Vamos ver se essa idéia pega.

A propósito ainda d'«O Bisturi», parece que a orientação que vem marcando a sua redação, ainda não foi entendida por muitos. Com efeito, acham muitos que um jornal universitário deve se restringir às piadas hilariantes, à crítica gozadora, à improvisação confusa. E, por isso, acham enfadonho o jornal. Para quem, no entanto, vem sentindo a evolução de mentalidade e atitudes dos universitários, para quem vem tomando gradativamente consciência da importância dos problemas que nos afligem de perto como cidadão de uma nação em cres-

Laboratórios Glaxo (Brasil) S. A.

Av. da Liberdade, 595 — Fone 37-5454 — S. Paulo

Apresentam à distinta Classe Médica

O seu novo produto

TERTROXIN

(Comprimidos de L-triiodotironina sódica)

INDICAÇÕES

Hipometabolismo e Hipotireoidismo em suas diversas manifestações: Obesidade, distúrbios ginecológicos, deficiências metabólicas das pessoas idosas, etc.

Amostras à disposição dos senhores médicos

cimento, e principalmente para quem tem de quebrar os milhares de galhos referentes a feitura de um jornal, que atinge todos os meios universitários do Brasil, quebrar a cabeça para encher páginas e páginas com piadas e charges, se afigura como um desperdício monstruoso de energias.

Felizmente, também há aqueles que, reconhecendo a intenção do nosso trabalho, nos dão o seu apoio animador. E o que aconteceu no ano que passou. Colaborações e cartas de entusiasmo nos chegaram dos mais variados pontos do país, como por exemplo de Pernambuco e do Paraná, de onde ex-colegas nossos nos comunicaram o calor de suas experiências vividas nas mais ingratas condições de exercício médico.

Por isso tudo é que «O Bisturi» continuará a ser o que é atualmente.

Um aviso para terminar: as colunas d'«O Bisturi» continuam como sempre à disposição daqueles colegas que quiserem fazer humorismo através de nossas páginas.

ENGALANASE O DEPARTAMENTO FEMININO — INAUGURADAS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES

Ganhou o D.F. um recanto novo e de bom gosto. Realmente «kar», como diriam os nossos cronistas sociais. Num faculdade de maioria masculina, é justificável que as moças tenham um recanto condigno, onde possam estar reunidas e à vontade. A nota desagradável do

caso foi a depredação que sofreram alguns quadros do pintor Pedro Correia, que estava em exposição na ocasião. Esta exposição, que teria servido para despertar o interesse dos alunos para outras estampas que as dos atlas de anatomia, foi vítima de ato sádico e agressivo por parte de elementos desconhecidos. Por essa infeliz obra de vandalismo, parece que ficamos convencidos de que temos de nos contentar mesmo só com o Spaltheholz!

TAMBÉM OS JORNAIS MURAIIS VITIMAS DE VANDALISMO

Neste ano houve pixamentação e até roubo em grande es-

tilo. E depois nos atrevemos a fazer discursos sobre democracia e liberdade de expressão.

Por ocasião das brincadeiras de despedida dos doutorandos, novo ataque sofreram os Murais. Foram todos caídos! Impossível descobrir senso de humor em coisa desse naipe. Até quando repetir-se-ão fatos como estes, entre nós?

E POR FALAR EM MURAIIS

Não satisfizeram plenamente neste ano. Talvez só tenha se salvado o do 2.º ano. A todos faltou seleção e continuidade. O do 3.º ano, promissor a princípio, foi enfraquecendo, perdeu a variedade (Conclue na pag. 8)

CARREIRA UNIVERSITARIA



Veja, querido, você já pode dedicar-se inteiramente à Faculdade



Apanhado fotográfico de um grupo de Doutores de 1957 quando brindava o fim dos exames no Restaurante Franciscano

CASA SINO-BRASILEIRA

Especialidade em Artigos Chineses: Porcelanas, Marfins, Gloisonné e Leques de madeira SANDALO

Enderêço Telegráfico: SINOBASILEIRA

Matriz: Largo Paisandú, 87 — Tel. 33-4775

Filial: Rua Libero Badaró, 100 — Tel. 34-7619

Importação direta das melhores Fábricas de Bordados da China e da Ilha da Madeira — Artigos finíssimos para Noivas, Crianças e Presentes, etc.

Cal-de-a-Malte

WANDER

SAIS MINERAIS
VITAMINAS A e D³
EXTRATO DE MALTE
MEL DE ABELHAS

calciovitaminoterapia
fraqueza geral
subnutrição
alergias
anemias
tratamento coadjuvante das doenças infecciosas
gravidez
lactação
afecções da vista

CONSIDERANDO...

A NOSSA «GERAÇÃO SEM PALAVRAS»...

«A pobreza do vocabulário é uma consequência sobretudo da falta de leitura. Os nossos alunos de hoje não têm tempo para ler. Costumam-se culpar os programas mal feitos e sobrecarregados. Mas a esses, os jovens sabem opor uma reação natural e eficiente, que consiste em estudarem em casa o menos possível. Não têm tempo, porque o rádio e o futebol, e sobretudo as histórias em quadrinhos e o cinema, ocupam-lhes todos os lazeres (e note-se que não falo nos passeios em automóveis, nem na televisão, por enquanto privilégio de uma minoria). Todos esses divertimentos contribuem para desprestigiar a palavra escrita, e em geral, o esforço mental».

Paulo Ronai — «Como aprendi o português» (O Globo)

— Certo prof. de cadeira básica queixava-se de que seus alunos cada vez entendiam menos as explicações, que lhe dava, usando de modelos simples. Não serão ambos, professor e alunos exemplos desta «geração sem palavras»?

«LIBERDADE» DE TRABALHO

«Sempre pensei com nostalgia na minha época de estudante, em que eu tinha absoluta liberdade de trabalho. Mais tarde, no entretanto, uma profunda experiência ensinou-me que para o progresso e êxito de nossas próprias tarefas intelectuais é mais vantajoso suportar um certo número moderado de obrigações do que possuir absoluta liberdade de agir.

Ao mesmo tempo em que aparece a faculdade de dispormos livremente de nosso tempo, produz-se também um relaxamento da tensão intelectual, que só pode ser vencido gradualmente e pela obrigação.

O aspecto mais perigoso desse progresso é o desejo de esperar que se produza um ânimo favorável para começar a trabalhar, mas estes estados de ânimo somente aparecem depois de lutar para abrir caminho através de estêreis e aparentemente infrutíferas tentativas».

WILHEM HISS
Autobiografia Leipzig 1903

— O anatomista, fisiologista e embriologista suíço W. Hiss, que viveu de 1831 a 1904, por certo nunca poderia ter dado melhor conselho aos nossos professores e estudantes.

O ANO DE 1957

(Conclusão da pag. 7)

de e descambou para a doutrinação ideológica batida e esnobe.

Vamos ver o que os Murais nos oferecerão em 58.

MAIS UMA VEZ O P. S. DO H. C. FORNECE PANO PARA MANGA

No mês de outubro o H. C. foi agitado pelo problema do P. S., que culminou com a demissão do Dr. Enéias Carvalho de Aguiar do cargo de Superintendente, e nomeação do Dr. Reynaldo Neves de Figueiredo para o mesmo posto. Todo mundo já discutia os problemas do P. S., alguns achavam tudo ruim, mas a coisa não se resolvia. Isto é, até que o Governador resolveu intervir. Sua Excelência chegou, viu, discutiu, brigou, demitiu, e o problema se resolveu parcialmente, pelo menos durante algum tempo. No fundo a coisa se constituiu em autêntico «show», no qual até a política teve a sua pontinha. Mais uma prova de que no Brasil, as coisas só andam aos trancos. Mas no fim de tudo isso, ainda perguntamos: Como vai o P. S., Dr. Reynaldo?

A DESPEDIDA DO PROF. CUNHA MOTTA

Aconteceu também no se-

gundo semestre a despedida do Prof. L. Cunha Motta, que deixa a cadeira de Anatomia Patológica, em virtude de sua aposentadoria.

Pertencentes que somos à atual geração que passa pela FMUSP, pouco conhecemos e pouco sentimos da atuação do Dr. Cunha Motta, como mestre e educador, visto o afastamento em que vivia em relação aos estudantes.

Por isso mesmo, nos contentamos tão apenas em reverenciá-lo pelo que sabemos de seu passado como homem de ciência.

O CAOC LANÇA UM S. O. S. — REPERCUSSÃO CONTRADITÓRIA ENTRE OS ALUNOS

No segundo semestre foi finalmente lançada a Campanha pelo Clube Médico, Casa do Estudante e Departamento Beneficente Arnaldo Vieira de Carvalho, entrosada à Campanha SOS, que abrange inúmeras outras instituições. E muita gente da Faculdade foi movimentada para a angariação dos fundos. Essa Campanha, porém, não foi recebida por unanimidade no seio da Faculdade, de vez que algumas vezes se levantaram, lançando dúvidas a propósito do direito ou não que têm

S. A. LEVY COMISSÁRIA E EXPORTADORA DE CAFÉ

★

Rua do Comércio, 24 - 1.º Andar

Caixa Postal, 123

End. Telegráfico: «LEVY»

Telefones: 2-3047 e 2-3294

SANTOS



DOCTORES DE 1957
1955 — 5.º ano, após 1.º exame

os universitários de empregarem tanto dinheiro em coisas para uso exclusivo de uma pequena classe.

A coisa foi discutida pela Congregação de Alunos, que lançou um pronunciamento, publicado em outro lugar desta edição. Mas, como conclusão de tudo, parece que o Clube Médico sai mesmo.

NOVAS DISCUSSÕES A RESPEITO DO INTERNATO HOSPITALAR — O PROBLEMA É COMPLEXO

Novamente se agitou entre nós o problema do internato no H. C. A turma discutiu, discutiu e chegou à conclusão de que bem poucos estão em condições de opinar a respeito, com uma base segura. E o resultado é que provavelmente a solução a ser encontrada por alguns, não agradará a todos. O difícil do problema parece que está em conciliar os direitos da turma que se forma pela nossa Faculdade com o dever que tem o H. C. de se constituir em um campo acessível de formação médica àqueles que, vindos de outros pontos do Brasil, se esforçam por obter uma complementação de estudos, que não pode ser obtida por lá. Vamos ver no que dará a coisa.

...E FINALMENTE VIARAM AS MONITORIAS

Foi finalmente concretizada no segundo semestre, a instituição das monitorias para as cadeiras básicas da Faculdade. Fato auspicioso por muitas razões: a possibilidade para os estudantes de terem fonte de subsistência durante o curso e de se aplicarem ao campo de pesquisa para o qual se sentem chamados por vocação e a possibilidade, por vocação e parâmetros de terem uma

maneira segura de proverem para o futuro o provimento de novos valores, fato indispensável, dentro do espírito de pesquisa científica.

ALÉM DAS MONITORIAS VEIO TAMBÉM A FAMOSA «ASIÁTICA»

A tão falada gripe asiática atingiu São Paulo em cheio, e com isso os estudantes de medicina foram chamados a colaborar com as autoridades sanitárias. Muitos colegas nossos se ofereceram para o trabalho em postos de saúde, realizando-o até o declínio do surto epidêmico.

Esse trabalho foi um fato bastante alvareiro no cômputo geral das atividades do ano. Muito bem, colegas!

TRABALHO BASTANTE A CONGREGAÇÃO DE ALUNOS

Talvez sejam muito poucos os colegas, que tomaram conhecimento do trabalho da C. A. No entanto, ele existiu e precisa ser conhecido. Após a podada geral que a Congregação levou por causa do caso Amós, parecia que ela tinha sido mesmo enterrada no conceito geral. Felizmente, a turma não esmoreceu, realizou alguma coisa, fez alguns pronunciamentos a respeito de acontecimentos vários, estudou alguns problemas importantes, no que contou até com a colaboração de alguns professores. Muito pouco num plano ideal, mas satisfatório em se considerando tantas dificuldades, é o que concluímos da vida da C. A. neste seu segundo ano de existência.

E CHEGOU O FIM DO ANO

E Papai Noel trouxe boas notas para uns e más notas para outros. Mas a todos, algumas férias e o desejo intenso de um 58 cheio de coisas boas.

O. M. F. F.

INDICADOR MÉDICO Dr. Edwin Bedito Montenegro

MÉDICO
Assistente da Clínica do Prof. Dr. B. Montenegro
RESIDÊNCIA: RUA BAHIA, 737 — FONE: 51-3537
CONS.: RUA MARCONI, 34 - 9.º Andar — FONE, 34-8538
(Das 16 às 18 horas) — SÃO PAULO

PROF. DR. JOSÉ MEDINA
Catedrático de Clínica Ginecológica na Faculdade de Medicina e na Escola Paulista de Medicina
Moléstias de Senhores — Partos — Operações
Cons.: AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 1234 - Tel. 32-2902
Resid.: AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 1030 - Tel. 32-7073
— Consultas das 14 às 19 horas —

PROF. EUGENIO MAURO
Docente de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina de São Paulo — Docente de Anatomia da Faculdade de Medicina de São Paulo — Professor de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina de Sorocaba
Consultório: RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 334
3.º Andar — Conj. 303 — Telefone: 36-1142
Residência: ALAMEDA JAÚ, 1639 — Tel. 31-5346 — S. Paulo

DR. ROBERTO FREIRE
ENDOCRINOLOGIA NUTRIÇÃO — METABOLISMO
RUA 7 DE ABRIL, 342 - 8.º ANDAR S/ 85 TEL. 36-9386

DR. ARRIGO RAIÁ
Docente de Clínica - Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Chefe de Disciplina de Cirurgia do aparelho digestivo do Departamento de Cirurgia do Hospital das Clínicas
CONS.: R. SENADOR PAULO EGIDIO, 15
5.º Andar - Tel. 32-4226 Das 16 às 18 hs.

DR. GEORGES ARIÉ
Chefe de Serviço Cirúrgico no Instituto Central Hospital Antonio Candido de Camargo
CANCER — PLÁSTICA
RUA ALBUQUERQUE LINS, 1170 - FONE, 51-8357
RESID.: RUA JOSÉ DE CARVALHO, 261 FONE, 61-0436

ARNALDO CALERO SANDOVAL
CLÍNICO
Comunica que seu Consultório passou para
AV. PAULISTA, 2669 — TEL. 52-5555 — SÃO PAULO

DR. A. TISI NETTO
Tratamento especializado em moléstias Pulmonares
EXAME PELO RAIOS X
Residência: RUA CONS. BROTERO, 1273 - FONE, 51-7397

DR. OCTAVIO G. TISI
PULMÃO — CORAÇÃO
Assistente da Clínica Médica da Faculdade de Medicina
Residência: RUA LISBOA N.º 190 — FONE, 8-3190
CONSULTÓRIO: Rua Xavier de Toledo, 210 - 6.º andar - apto. 63
Fone, 34-3864

DR. LUIS LOSSO
Ex-Assistente de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Univ. de S. Paulo - Cirurgião no Hospital S. Luiz - Jaçanã
Consultório: R. MARCONI, 23 - 5.º andar Fone: 34-8933
Das 15,30 às 17,30 horas
Residência RUA TANABI, 112 Fone: 62-1786

CONSULTÓRIO DE DOENÇAS DOS OÍHOS
DR. J. C. GOUVEÁ PACHECO
CONSULTAS De 14 às 18,30 horas
RUA CONS. CRISPINIANO, 53 - 8.º Conj. 83 - Tel. 35-8643
SÃO PAULO

PROF. DR. J. M. GOMES
CLÍNICA DERMATOLÓGICA
Consultas das 13 às 16 horas
AV. IPIRANGA, 313 - 2.º Andar - Apto. 21 — TELE. 34-5977

DR. BRASIL FILHO
MÉDICO
Chefe do Serviço de Proctologia do Hospital N. S. Aparecida (Ex-Umberto I.) e Casas de Saúde Matarazzo
Consultório: R. 7 DE ABRIL, 282 - 4.º andar - Tel. 34-7503
Residência: Telefone: 8-3913 — S. PAULO

DR. JOSÉ ANGELO GAIARSA
MÉDICO
Prêmio "Fundação Rockefeller"
da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Consultório: RUA ARAUJO, 165 - 8.º and. - Tel. 34-0790
Consultas diariamente das 9 às 13 e das 15 às 19 horas
(hora marcada) — Residência: RUA DUILIO, 776 - Tel. 5-0977

DR. PLINIO REYS JUNIOR
MÉDICO
Consultório: Rua Wenceslau Brax, 146 - 7.º andar - S/711 a 714
Tel. 34-9723 - Horário: Das 9 às 11 e das 14 às 19 horas

DR. JOÃO SAMPAIO GOES JR.
Doenças da Glandula Mamária
RUA XAVIER DE TOLEDO, 98 - 7.º - Conj. 71 - Tel 34-0555

DR. BAZIN DE MELLO
MÉDICO
Doenças Sexuais em ambos os sexos
PRAÇA DA SE', 297 - 3.º Andar - S/314 e 316 - Tel. 32-5519
Das 10 às 12 e das 14 às 19 horas

DR. RENATO DA COSTA BOMFIM
Clínica de Cirurgia Ortopedia e Fraturas - Fisioterapia
Cons. R. ALBUQUERQUE LINS, 902 - Tels. 52-1209 e 52-6992

DR. F. GERALDO IERVOLINO
MÉDICO OPERADOR
Moléstias de Senhores — Sífilis — Vias Urinárias
Consultórios: AV. IPIRANGA, 1123 6.º andar Apto. 904
Das 2 às 4 horas — Fone: 34-8990 — AV. RANGEL PESTANA, 1292 - 1.º andar - Apto. 12 — Das 15 às 17 horas —
Fone: 33-2247 — Res.: AV. D. PEDRO I, 1657 — Fone: 63-1966

DR. ANTONIO B. LEFÈVRE
Livre Docente de Clínica Neurologica U. S. P.
RUA MARCONI, 94 9.º Andar - Tel. 36-6073 São Paulo

DR. M. A. NOGUEIRA CARDOSO
MÉDICO
RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 29 7.º - Tel. 34-7819

VOE PELA



SALVADOR dista de SÃO PAULO uma «boa viagem» pela REAL. RECIFE, FORTALEZA, BELEM, SÃO LUIZ e NATAL também estão na rota do vôo «O JANGADEIRO» com o Super Convair da REAL.

FONE : 35-8151

Rua Cons. Crispiniano, 379 — São Paulo

As indicações do Ato Cirúrgico

Prof. BENEDITO MONTENEGRO

O Prof. B. Montenegro não foi um simples operador, mas um cirurgião no qual se completava o técnico e o clínico, o coração e o cérebro, o especialista e o homem de humanidades, o médico e o cirurgião participantes de todos os movimentos nacionais.

Por ocasião da homenagem que lhe foi prestada na A.P.M. por ocasião de sua aposentadoria da Cadeira de Clínica Cirúrgica da F. MUSP, deu verdadeira aula de psicologia médica, matéria ignorada pelos nossos cirurgiões.

Eis um resumo de mais esta lição do insigne mestre.

"Vale aqui uma advertência, especialmente aos jovens que se iniciam nos mistérios da cirurgia: é mais difícil

saber quando não operar, do que operar, em outras palavras é mais fácil praticar uma operação que depende apenas da habilidade técnica do que pensar, meditar, pôr a mão na consciência e decidir se realmente a operação é necessária.

Os casos de pacientes que se submetem a múltiplas operações, sem o resultado desejado, são incontáveis em todas as partes do mundo, por isso os cirurgiões bem avisados estão se valendo cada vez mais do auxílio dos clínicos, dos neurologistas e dos psiquiatras para obterem os melhores resultados que a cirurgia possa oferecer.

Pela minha experiência concluo que o aparelho digestivo é particularmente

labil às emoções. Embora um certo número de suas funções sejam controladas por um sistema nervoso autônomo — o simpático — quando as emoções são suficientemente fortes elas transbordam dos centros nervosos do cérebro e exercem sua ação sobre esse sistema nervoso autônomo, provocando perturbações que se traduzem por sintomas vários, dentre os quais destacam-se os provenientes do espasmo muscular como no na garganta, náuseas, desconforto epigástrico e até vômitos.

De especial interesse nesse terreno foram os estudos feitos em 1840, por William Beaumont, cirurgião americano, em seu paciente Alexis Saint Martin, vítima de um desastre do qual resultou-lhe uma fistula gástrica permitindo a observação dos movimentos do estômago, das segregações de seus sucos e das mutações na cor de sua mucosa, de acordo com os vários estímulos empregados não só "in loco" como através do sistema nervoso.

Por exemplo, observou-se que o medo e a raiva provocaram uma anemia da mucosa gástrica com consequente diminuição da secreção dos sucos digestivos e espasmos da musculatura do estômago; que, ao contrário, e euforia era traduzida por uma coloração normal da mucosa, com contrações bem ritmadas da sua musculatura e secreção normal dos sucos digestivos.

Não só o estômago é vítima das nossas emoções, também os intestinos sofrem as consequências, dos distúrbios emocionais e especialmente os colonos são a sede de tais perturbações nervosas produzindo as chamadas colites nervosas, colites espásticas, colon irritável e até a própria colite ulcerativa já tem sido apontada como resultante de tais distúrbios.

Mas, perguntarão, que tem isso que ver com a cirurgia? E eu responderei que muito e muito porque tais perturbações são acompanhadas de dores abdominais com várias localizações mas preferindo os quadrantes direitos, seja o superior ou mais comumente o inferior, e em particular a região cecoapendicular ou suas proximidades. O público já de há muito que tomou conhecimento da existência da apendicite e das consequências desastrosas que podem sobrevir por uma procrastinação no tratamento do mal, especialmente em sua fase aguda, por isso quando a dor se manifesta no quadrante inferior o paciente suspira a afecção, corre ao seu clínico e este diagnostica apendicite e o envia ao cirurgião.

Estabelece-se para o cirurgião o dilema: ou ele aconselha a operação, o que é mais usual, porque não só salva sua responsabilidade como realiza a sua féria, ou o que é mais raro, refuta o diagnóstico do clínico, arriscando a perder o cliente e a desgostar o colega. Nesse caso, operar é fácil, é cômodo, mais não operar requer uma grande dose de coragem e uma convicção absoluta da desnecessidade da operação.

Tomemos um exemplo dentre os muitos que têm passado por nosso consultório. Uma senhora jovem, bela bem tratada, vestida a rigor, o dorso coberto por custoso casaco de pele, desfia seu rosário de sofrimentos.

O mal iniciou insidiosamente com sensação de nervosismo, irritabilidade, inquietude, diminuição de apetite, desconforto epigástrico, distensão abdominal por gases, insônia e finalmente dores sob a forma de cól-

Laboratíl S. A. Indústria Farmacêutica

saúda os Doutorandos de 1957,
augurando aos novos médicos
glorioso porvir.
SALVE! NOBRE CLASSE MÉDICA

S. Paulo, Janeiro 1958

cas intestinais, localizadas de preferência no quadrante inferior direito.

O diagnóstico de apendicite impunha-se, dissera o clínico e o cirurgião concordava. A operação foi realizada; uma beleza, cicatriz mínima, convalescença sem complicações, alta no 5.º dia, repouso em casa, visitas de amigas, presentes, flores, etc., enfim, um resultado magnífico mas, infelizmente, não chegou a durar dois meses. Ao cabo desse lapso de tempo retornam as dores agora mais frequentes e mais incomodativas. Volta ao cirurgião que a havia operado, este diagnostica aderência e propõe-se a desfazê-las.

A paciente um tanto deludida procura outro cirurgião que confirma o diagnóstico de aderência e adiciona a presença de um pequeno quisto no ovário. A paciente convence-se de que este está com a razão e submete-se à segunda intervenção com resultado imediato satisfatório mas com retorno da sintomatologia alguns meses mais tarde. Nesse interim surgem pequenas perturbações menstruais. Vai a paciente ao ginecologista e este diagnostica retroversão uterina, aconselhando nova operação a que se submete a paciente sem delongas certa

de que com essa terceira intervenção todos os seus males desapareceriam. Pura ilusão! Passado o período de convalescença que se tornava mais extenso após cada operação, retornavam os seus males agravados, agora, de um estado de depressão mental. Indagada de seus conflitos familiares revelou ser casada por interesse financeiro, com um homem atarefado com seus múltiplos negócios, muito mais velho do que ela, a quem não cedotava amor algum, tendo como derivativo a atenção de um jovem fisicamente atraente, de poucos recursos pecuniários mas que lhe prodigalizava os carinhos que faltavam em casa.

O conflito entre o amor devotado ao amante e o receio de perder o conforto e o luxo que lhe proporcionava o velho marido, provocou um estado de permanente angústia, um Stress emocional que transbordou para o seu sistema nervoso simpático traduzindo-se nas dores de que se queixava e nas outras perturbações que a acompanhavam.

Cada operação trazia-lhe, temporariamente, um alívio às suas emoções: a visita das amigas, presentes caros do marido e a oportunidade de exibir-se ao amante em custosas roupagens. Mas, passado esses momentos felizes,

era a dura realidade que voltava com o seu cortájo de sintomas desagradáveis. Três operações só conseguiram agravar os sofrimentos dessa pobre paciente, no entanto, a compreensão exata do seu estado de espírito e os conselhos de um psiquiatra poderiam tê-la livrada de toda sua sintomatologia e das três operações desnecessárias, para não tachá-las de inúteis!

Não quero com isso dizer que não se deva operar quando necessário, quando se tem a certeza de que o mal só pode ser extirpado cirurgicamente; nem outra coisa fiz eu em toda minha vida profissional. Admito até a hipótese de ter cometido algum erro praticando uma operação desnecessária, mas se assim agi foi por deficiência de nossos conhecimentos sobre o mal, no momento em que a operação foi praticada.

Procurei sempre agir em benefício dos meus pacientes sem nunca pensar em recompensa pecuniária.

Estou convencido de que jovens cirurgiões no afã de prestarem serviços aos seus pacientes e amigos indicam e podem até executar determinadas operações quando os pacientes concordam, certos de que estão agindo corretamente".

Conversando com Castro Alves

Vem Castro Alves conversar comigo, desejo ouvir a tua voz do além, sai dessa névoa que é o mortal abrigo, sublime poeta, vem falar a alguém.

Ó tu que um dia já viveste e amaste, que já tiveste um ideal um dia, tu que com imenso ardor, audaz lutaste pelos escravos, contra a tirania...

Viste, como outros, no liberalismo, um aceno de vida para todos, das profundezas do mais negro abismo viste um futuro já sem mais engodos.

No entanto, poeta, vê o que resta agora do esparso fumo do ideal de outrora: Homens contra homens, feras contra feras, num hulular hediondo de panteras!

Antem o negro, sob a chibata dos feitores cruéis se debatia; tu malsinaste a esta sorte ingrata, clamaste contra tanta covardia!

HOJE é a máquina, em vez de uma chibata, que esmaga a todos sob os seus grilhões, brancos ou negros, a horda vil maltrata, ontem feitores hoje são patrões!

Morreu o senso da comunidade, vingou o fruto da revolução: Tocha que a França ateou a Humanidade, Deusa burguesa que chamou RAZÃO.

E o homem caminha inerte, e tão sózinho enfrentando o perigo de um caminho: onde há lobos, em vez de irmãos, traidores, assassinos cruéis e saltadores.

★
O poeta passa, olha tristemente, e não diz nada, compreendeu agora o que é que falta ao homem do presente e o que faltava ao homem de outrora.

E num impulso ardente de piedade olha o infinito envolto em ténue côr, e clama para que esta humanidade descubra novamente o IDEAL DO AMOR!

Jeni Maria Martino Coronel



Laboratórios Andrômaco

O emblema que distingue medicamentos éticos de introdução exclusiva entre médicos

★

RIO DE JANEIRO
Rua Moncorvo Filho, 101
BELO HORIZONTE
Rua Guarani, 430

SÃO PAULO
R. Independência, 706 e 715
PORTO ALEGRE
Av. João Pessoa, 1.072

ANDAR DE AVIÃO NÃO BASTA — O QUE O SENHOR
PRECISA... É VOAR CONFORTAVELMENTE PELA

Cruzeiro do Sul

O QUE É SER MÉDICO

Éis o título significativo do discurso de formatura do orador da turma de médicos de 1957.

Uma definição clara, uma acusação grave e um apêlo veemente: o que foi o discurso do Dr. Wilhelm Kenzler, ex-Diretor de «O Bisturi», na solenidade de colação de grau.

Cantrariando a tradição, o orador iniciou seu discurso com a seguinte definição:

«SER MÉDICO: é exercer a clínica: ésses nunca acabar de arremetidas emocionantes e de lances comoventes — labuta que absorve forças; que faz vibrar e desgastar nervos; que torna cérebros escaldantes e insones as noites — na descrição pictórica de Ovídio de Campos;

SER MÉDICO é pronunciar a palavra generosa que tranquiliza a alma em ânsia; é atender a qualquer hora a quem sofre; é arriscar a vida em meio a epidemias; é consumir energia e espírito na atenuação dos males alheios — na concepção caridosa de H. Annes Dias;

SER MÉDICO é também dedicar-se à pesquisa científica, anônima, exaustiva, parca de recursos, mal remunerada;

é também transmitir ensinamentos e experiência, incutir princípios e conduta aos mais jovens; mas

SER MÉDICO é ainda ter olhos para ver a miséria social que alimenta a fabulosa mortalidade infantil brasileira;

ter coração para se comover diante dos compungentes dramas da vida dos humildes que se atendem;

ter espírito de observação para verificar que o que se pratica, de regra, nos hospitais gratuitos é «medicina paliativa», apesar de seu padrão científico, pois os doentes precisam, na verdade, de assistência social, de educação sanitária, de alfabetização, de alimentação — de instrução e higiene;

é sentir sua responsabilidade pela vida e destino de nosso povo, com a consciência de profissional liberal, que teve sua formação numa universidade paga pelo povo.

é ter entusiasmo para estudar o problema médico-social da Pátria, otimismo para crer em sua solução, vontade de por ela trabalhar;

SER MÉDICO, enfim, é ter a ousadia e a fé de empunhar, como bandeira de luta, já neste primeiro instante de vida profissional, a causa do doente pobre, a causa do homem brasileiro.

E' com esta profissão de fé, com estas palavras de fé em nossa profissão, que nós, doutorandos de 1957 da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, vos saudamos, Exmo. Sr. Representante do Governador do Estado. Magnífico Reitor da Universidade de S. Paulo, etc. etc.»

Justificou esta alteração da ordem tradicional, pelo fato da «trágica e tumultuosa decadência de nossa civilização e pela «impressionante gravidade do problema médico social de nosso povo», exigem dos médicos recém-formados uma definição clara e objetiva, antes de quaisquer outras considerações.

Analisando o problema médico-social brasileiro após citar vários outros dados estatísticos, relatou a experiência dos doutorandos no Hospital das Clínicas:

«Assim, pensemos em nosso sistema — ginásiano e ultrapassado — de aulas práticas; será melhor substituí-lo pelo sistema de estágios nas diversas clínicas? — Cuidado, porém, com os estágios; devem ser de aprendizagem e de trabalho; não só de trabalho, como tem acontecido algumas vezes.

Pensemos ainda no problemático vestibular, no ensino mais profundo de psicologia médica, no entrosamento mais efetivo das lições de medicina preventiva e de deontologia

médica com as práticas de clínica, na representação de alunos e ex-alunos nos órgãos deliberativos da Faculdade, na Universidade, que ainda não é o órgão central da cultura do país, como deveria ser e ainda não tem a autonomia, que deveria ter; são pontos que vocês bem conhecem e que merecem a sua atenção e trabalho, para figurarem como conquistas na trilha retilínea e ascensional de nossa querida Faculdade.

Em seguida, prestou homenagem ao paraninfo e aos pais.

«Nossa querida Faculdade? «Casa de Arnaldo» é teu carinhoso nome íntimo, que pronunciamos com emoção e respeito. No momento em que deixamos de te pertencer pelo direito, passamos a te pertencer pelo coração. Sempre te lembraremos, como da casa paterna. Somos teus filhos. Se te criticamos e não te compreendemos algumas vezes... foi como filhos, que por vezes não compreendem e criticam seus pais. Mas os amam e veneram sempre.

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Casa de Arnaldo! Recebeste-nos adolescentes e colegiais; deixamos-te homens e médicos.

Deste-nos ciência, técnica, cultura e como nossos pais — deste-nos o exemplo venerando de tua tradição, o amparo carinhoso de teus mestres; mostraste-nos o caminho da virtude, da retidão, do bem.

Queremos agradecer-te. Sabemos que sentir-te-ás bem paga se as nossas vidas não mancharem o teu nome — teu nome que é o da melhor escola Médica da América Latina».

Terminou, relembrando um pensamento rápido do paraninfo.

«A Honestidade, para dizer apenas o que deve ser dito, para fazer apenas o que deve ser feito, para utilizar apenas o que deve ser utilizado.

A Caridade para dizer humanamente o que deve ser dito; fazer humanamente o que deve ser feito; utilizar humanamente o que deve ser utilizado.

A Cultura Científica para dizer tudo o que deve ser dito, fazer tudo o que deve ser feito, utilizar tudo o que deve ser utilizado».

E acrescentou: «Irmãos neste ideal, enfrentemos nossa missão, que é uma só: preservar a Vida Humana, quer do indivíduo, quer da coletividade. Vida Humana, que, lembremos bem, não é apenas vida biológica (anatomia, bioquímica), mas também, vida sociológica (com aspectos culturais, econômicos e políticos), mas ainda vida psicológica (com fatores emocionais, espirituais e morais). Vida Humana, que é um todo, um complexo bio-sócio-psicológico, uno e indivisível».

Finalizou, exortando todos ao cumprimento fiel do juramento e à manutenção da tradição gloriosa da Faculdade, o que permitirá a cada um, em ocasião da jornada, lembrar sem orgulho, mas com a felicidade do dever cumprido, o ideal proclamado pelo padre Desmarais:

«O mundo foi melhor e mais feliz porque viviu.»



Prof. Dr. Luis V. Décourt - Paraninfo da turma de 57



ANO XXV

Casa de Arnaldo, Janeiro de 1958

N.º 86

45.º Aniversário

Em 1958, a Faculdade de Medicina comemora o seu 45.º aniversário, juntamente com o C. A. Oswaldo Cruz.

Dizer da importância da FMUSP, no atual estágio da ciência médica nacional e mundial é repetir uma série de fatos do conhecimento de todos. O brilho de nossos mestres nos congressos internacionais, a ativa participação de nossos bolsistas em pesquisas no estrangeiro, o número crescente de colaborações originais aqui e no exterior, ao lado das amplas conquistas no setor do ensino médico, como o internato obrigatório e o tempo integral nas cadeiras básicas, credenciam a FMUSP, em menos de meio século, como uma das melhores Faculdades de Medicina do continente.

Nestes 45 anos de realizações, o sonho de Arnaldo Vieira de Carvalho foi ultrapassado, e, majestosa no meio do conjunto arquitetônico do Centro Médico, pontifica a Faculdade de Medicina como um exemplo de esforço e tenacidade da gente paulista.

No mesmo ano de 1913, foi fundado o Centro Acadêmico e pari-passu ao desenvolvimento da Faculdade evoluiu o nosso grêmio estudantil.

De um simples «centro de recreação» para moços de cartola do começo do século, o CAOC se transformou em arma de luta para os meninos de avental branco quarenta e cinco anos depois.

No seio da classe estudantil, tem o CAOC o seu nome ligado a atitudes ponderadas e construtivas, fazendo, através de suas atividades médicas nas diversas ligas assistenciais um trabalho de verdadeira medicina preventiva; e, através de seus diversos departamentos, procurando incutir novos horizontes aos seus associados.

Talvez sua atividade gremial esteja aquém daquela desenvolvida pelos estudantes do Uruguai (que comemoraram o seu 50.º aniversário em 1956) e dos estudantes universitários da França (atualmente festejando meio século de existência de sua União Nacional).

Muitos problemas de ordem social e local deveriam ser analisados e comparados, porém não é este o nosso propósito. Queremos tão somente lembrar, os professores que neste início de 1958, devem eles deixar de lado por alguns instantes, os estetos, os bisturis e a pesquisa e avaliar o nosso progresso em função do tempo e do espaço e programar as atividades do futuro. E os alunos precisam agora meditar; se o CAOC cumpre a sua missão? E qual o programa a seguir?

Em 1958, comemorando tão gratas efemérides, porque senhores professores e alunos em comum espírito universitário não nos reunimos para juntos celebrar as nossas vitórias, analisar os nossos erros e já programar as nossas atividades futuras?

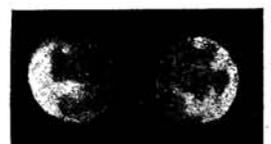
Leia no n.º 66 de

ANAIIS CIENTÍFICOS



Rio Grande do Sul Universitário...

A que fim estarão destinadas a Universidades do Brasil? Conseguirão modificar o desenvolvimento do ensino superior? No Sul há um propósito firme nesse sentido e principalmente no Rio Grande. Muitas novidades introduzidas no ensino Melhoraram os métodos de pesquisa? Sistema lógico de disciplinas pelo seu Corpo Docente?



Há vida em marte?

O nosso vizinho do espaço terá vida? Flammarión cheça quasi a afirmá-lo. Autoridade em assuntos planetários o formidável astrônomo sempre procurou definir todas as possibilidades da hipótese.

Incidência morbida incapacitante nos Mineiros de Carvão do R. G. S.

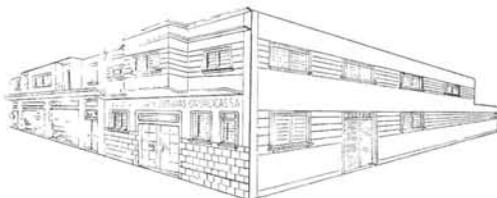
Importante trabalho científico de autoria do Dr. João Baptista Fernandes.

e mais... Vários artigos da Ciência Mundial.

«ANAIIS CIENTÍFICOS» é distribuído gratuitamente aos alunos da F. M. U. S. Retire seu exemplar na Redação de «O BISTURI».

HOMENAGEM

AOS NOVOS MÉDICOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA U. S. P.



CRINO-SEDA

FIOS CIRÚRGICOS

de elevado padrão de qualidade

Pronto Socorro N.ª S.ª Conceição

ACIDENTES - FRATURAS - REMOÇÕES DE PACIENTES PARA O INTERIOR. OXIGENIO À DOMICILIO - SANGUE RAIOS X - MÉDICOS DE PLANTÃO DIA E NOITE.

9-9999

RUA 21 DE ABRIL N.º 569